

2ª EDIÇÃO AMPLIADA

O DIA DA INDEPENDÊNCIA

MEDO
ÓDIO
VAZIO
PASSADO

RECONCILIADO

ESCOLHIDO

PERDOADO

LIVRE

DYEQO

histórias que transformam



2ª Edição

Direitos autorais © 2026 DYEGO

Todos os direitos reservados

Para Djalma e Alda Blume

BRUCE

Último dia na penitenciária.

Algo não cheira bem. E o cheiro sempre era o primeiro aviso.

Não o cheiro de sangue — esse Bruce já conhecia. Sangue tinha um cheiro de moeda velha, de ferro esquecido num bolso de calça. Depois de dois anos no presídio de segurança máxima, o cheiro de sangue era tão comum quanto o de arroz queimando no refeitório. Não. O aviso era outro cheiro. Suor azedo, respiração de cachaça barata, o hálito de homem que não escova os dentes há dias. Esse cheiro significava que alguém estava perto demais.

Bruce sentiu antes de ver.

Uma mão agarrou a gola da sua camiseta por trás e puxou. O tecido rasgou na costura. O corpo dele bateu contra a parede do corredor, as costas primeiro, depois a cabeça, e a dor chegou com atraso, como sempre chega — primeiro o impacto, depois o silêncio branco, depois a dor abrindo caminho pela nuca como água fervente.

Três homens. Não. Quatro. O quarto estava mais atrás, vigiando a entrada do corredor, com os braços cruzados e a expressão de quem assiste a um serviço de rotina.

— Ô, Bruce. — A voz do primeiro era calma. Era a calma que Bruce mais temia. Homem que grita está com raiva; homem calmo já decidiu o que vai fazer. — Tu achou que ia passar batido, né? Achou que a gente esqueceu?

Bruce não respondeu. Não porque fosse corajoso. Porque a segunda pancada veio antes de ele conseguir abrir a boca.

O soco acertou o lado esquerdo do rosto, na altura da maçã. O mundo virou. O chão do corredor — concreto cinza, rachado, com uma

mancha escura que podia ser café ou podia ser outra coisa — apareceu rápido. Bruce caiu de joelhos. Tentou se levantar. Uma bota pisou nas costas da sua mão e ele ouviu os ossos estalarem debaixo do peso.

Ele gritou.

Ninguém veio.

No presídio, grito é o som mais comum e o mais ignorado. Grito é papel de parede. Os agentes estavam no outro bloco, ou estavam ali perto e tinham decidido que aquilo não era problema deles. Bruce não sabia qual das duas opções era pior.

A faca apareceu na mão do segundo homem sem cerimônia, sem discurso. Era um estoque — lâmina fina feita de ferro de cama, cabo enrolado com fita adesiva preta. Bruce viu a lâmina e pensou, com uma clareza que não combinava com o momento: *“Eu vou morrer aqui.”*

O primeiro golpe entrou pelo lado, entre as costelas. O segundo, no ombro. O terceiro —

Bruce não sentiu o terceiro. O corpo tinha desligado a dor como quem desliga um disjuntor. Ele estava no chão, de barriga pra cima, olhando pro teto de concreto. Tinha uma lâmpada fluorescente ali em cima, comprida, com um dos lados piscando. O piscar era rápido, irregular, como um coração arritmado.

Bruce olhou pra lâmpada enquanto o quarto golpe abria a pele do rosto dele.

“Mãe”, pensou. Não como oração. Como reflexo. A primeira palavra que todo homem pensa quando o corpo entende que está acabando.

O sangue desceu pelo olho esquerdo e o mundo ficou vermelho de um lado só.

Depois ficou escuro.

O escuro não era vazio.

Isso foi a primeira coisa que Bruce percebeu — se é que “perceber” é a palavra certa pra alguém que não tem corpo, não tem olho aberto, não tem certeza de que ainda está vivo. Não era o escuro de fechar os olhos. Era um escuro com peso, com textura. Como se alguém tivesse mergulhado ele num tanque de água morna e preta, e ele estivesse ali, flutuando, sem precisar respirar.

O coma.

Os médicos diriam depois que foram trinta e dois dias. Para Bruce, não existia dia nem noite. Existia o escuro e, dentro dele, sons.

O primeiro som que ele reconheceu foi um bipe. Ritmado, constante. Depois aprendeu que era o monitor cardíaco. Depois aprendeu a odiar aquele bipe, porque quando ele acelerava, vinha gente. Gente significava mãos tocando nele, agulhas, tubos, vozes profissionais falando coisas que ele não entendia. *“Saturação caindo. Chama o doutor. Prepara o acesso.”*

Mas tinha outro som.

Um som que chegava diferente — não pelos ouvidos, mas por um lugar mais fundo, como se entrasse pelo peito.

A voz da mãe dele.

Dona Marta não era mulher de falar alto. A vida inteira falou baixo, porque o marido que foi embora gritava, e ela aprendeu que volume não ganha discussão. Mas ali, na UTI, sentada na cadeira de plástico azul ao lado do leito do filho, Dona Marta falava com uma firmeza que não precisava de volume. Falava com Deus do mesmo jeito que falava com o cobrador de água: direta, sem rodeio, sem vergonha de pedir.

— Senhor, o meu filho tá aqui. O Senhor sabe. O Senhor vê. Eu não vou sair daqui enquanto o Senhor não me responder.

E lia.

Todo dia, Dona Marta abria a Bíblia — uma Bíblia velha, capa de couro falso descascando, com

marcas de café nas páginas — e lia no ouvido do filho. Não escolhia passagens bonitas nem versículos de cartão postal. Lia o que vinha. Lia Salmo. Lia Jó. Lia Isaías. Lia como quem planta — sem saber se vai nascer, mas plantando mesmo assim.

Bruce ouvia.

Não era um ouvir como se ouve quando está acordado. Ouvia como quem está debaixo d'água ouve o som de quem fala lá em cima — deformado, distante, mas presente. As palavras chegavam em pedaços. Às vezes uma frase inteira. Às vezes só uma palavra solta que ficava rodando dentro do escuro como uma pedra num rio.

“Misericórdia.”

Essa palavra ficou.

Bruce não sabia por quê. Não era a palavra mais bonita, não era a mais forte. Mas foi a que ficou. Rodava dentro dele como se tivesse encontrado o lugar certo pra se encaixar.

E junto com a palavra, veio uma coisa que ele não esperava: memória.

Não a memória do presídio. A memória de antes. A casa da mãe. A sala pequena com o sofá de tecido florido que ele vendeu por cento e cinquenta reais pro primeiro que apareceu. A televisão que a mãe juntou dinheiro por oito meses pra comprar. A cara dela quando voltou do trabalho e viu a sala vazia. Ela não gritou. Não chorou. Só ficou parada na porta, com a bolsa pendurada no braço, olhando pro lugar onde a televisão tinha estado, como se esperasse que a ausência fosse explicar alguma coisa.

Bruce viu tudo de novo. De dentro do escuro, viu.

Viu a noite em que arrancou o fio de cobre da parede da cozinha pra vender. Viu a mãe sentada no escuro, sem luz, com uma vela na mão, lendo a Bíblia com a chama tremendo. Viu o dia em que ela foi à delegacia buscar ele depois de uma briga e o policial disse *“dona, seu filho não tem mais jeito”* e ela respondeu *“meu filho é problema meu, não seu.”*

A dor não veio de fora. Veio de dentro. Uma dor que não era das facadas, não era da cirurgia, não era do corpo. Era a dor de um homem vendo, pela primeira vez, com toda a clareza que o escuro permite, o tamanho exato do estrago que ele fez na vida da única pessoa que nunca desistiu dele.

“Mãe. Me perdoa. Me perdoa. Me perdoa.”

As palavras não saíam. Não tinha boca, não tinha voz, não tinha ar. Mas a intenção existia, e a intenção era tão forte que ocupava o escuro inteiro.

E então — Bruce não sabia explicar, e nunca tentou explicar direito, porque não tinha palavras do tamanho certo — alguma coisa mudou.

O escuro continuou escuro. O bipe continuou bipando. A voz da mãe continuou lendo. Mas dentro de Bruce, onde antes tinha medo, culpa, vergonha, desespero, apareceu uma coisa que não combinava com nenhuma dessas. Uma paz. Não uma paz de quem desistiu. Uma paz de quem foi encontrado.

Como se alguém tivesse dito: *“Eu sei. Eu vi tudo. E eu estou aqui.”*

Bruce não ouviu a frase com os ouvidos. Ouviu com o lugar onde a palavra “misericórdia” tinha se encaixado.

E uma certeza se plantou — do mesmo jeito que Dona Marta plantava versículo no ouvido dele, sem saber se ia nascer — e ficou:

“Jesus Cristo pode me salvar.”

Não como teologia. Não como argumento. Como fato. Como o chão debaixo do pé de quem tropeçou a vida inteira e de repente sente algo firme.

O primeiro sinal foi o dedo.

A enfermeira da noite — uma mulher grande, de mãos grossas e voz de quem já viu de tudo — estava trocando o soro quando viu o indicador da mão direita de Bruce se mover. Não muito. O tanto que um dedo se move quando alguém sonha que está agarrando alguma coisa.

Ela chamou o médico. O médico veio, olhou o monitor, apertou a pálpebra de Bruce com o polegar, iluminou a pupila com uma lanterninha.

— Dona Marta?

A mãe de Bruce estava na cadeira de plástico azul. Dormia com a Bíblia aberta no colo, a cabeça pendida pro lado, a boca entreaberta. Cinco horas da manhã. Trinta e dois dias ali. A enfermeira já tinha parado de perguntar se ela queria ir pra casa. A resposta era sempre a mesma: *“Eu saio daqui com meu filho ou não saio.”*

— Dona Marta. O seu filho está reagindo.

Ela abriu os olhos. Não precisou de explicação. Não perguntou “como assim”. Levantou, largou a

Bíblia na cadeira, foi até o leito e pegou a mão do filho — a mesma mão cujos ossos tinham sido pisados no corredor do presídio, agora imobilizada em tala — e apertou. Apertou como quem segura uma corda no meio de uma enchente.

— Bruce. Tô aqui. Tô aqui, meu filho!

Ele abriu os olhos.

A luz da UTI era branca demais. Tudo era branco demais. Bruce viu o teto, viu as luzes, viu os tubos saindo do próprio corpo como raízes de uma planta que ele não lembrava de ter plantado. Piscou. Piscou de novo. O rosto da mãe apareceu — borrado no começo, depois nítido. Os olhos dela estavam vermelhos, fundos. Tinha emagrecido. O cabelo estava preso num coque frouxo com um elástico de dinheiro.

Mas sorria.

Sorria com o rosto inteiro, com a boca, com os olhos, com as rugas, com tudo. Sorria do jeito

que só sorri uma mulher que orou trinta e dois dias pelo mesmo pedido e acabou de receber a resposta.

— Graças a Deus. — A voz dela quebrou no meio da frase. — Graças a Deus. Graças a Deus. Graças a Deus!

Bruce tentou falar. A boca estava seca, a garganta arranhava, o tubo tinha sido tirado fazia poucas horas. O que saiu foi um som rascante, quase sem forma.

— Mãe.

Uma palavra. A mesma palavra que ele tinha pensado no chão do corredor. Mas agora era diferente. Agora tinha voz. Agora tinha ar.

Dona Marta encostou a testa na mão do filho e chorou. Chorou do jeito que não chorava desde o dia em que encontrou a sala vazia — só que ao contrário. Aquele choro era de devolução. De coisa que volta.

O médico, encostado na porta, com a prancheta na mão, olhava a cena com a expressão de um homem que já viu muita coisa e sabe que algumas coisas não cabem em prontuário.

O ônibus parou com um solavanco e o motorista gritou o nome da rua.

Bruce olhou pela janela. Reconheceu a padaria da esquina — a mesma, com a porta de alumínio e o cartaz de pão francês desbotado pelo sol. Reconheceu o poste torto que tinha sido batido por um carro antes dele ser preso. Reconheceu o muro pichado, o portão de ferro do campo de futebol, o cachorro caramelo deitado na calçada como se cinco anos não tivessem passado.

O bairro era o mesmo. Bruce é que era outro.

Dona Marta estava sentada ao lado dele, com uma sacola de supermercado no colo. Dentro da sacola tinha uma marmitta de alumínio com arroz, feijão e ovo frito — a primeira refeição de homem livre que ela tinha preparado pra ele. Ela falava sem parar. Falava do vizinho que trocou a cerca, da goteira que ela consertou sozinha, da igreja nova que abriu na rua de trás. Falava como quem enche o silêncio antes que o silêncio cresça demais.

Bruce ouvia, mas olhava pela janela.

Passou pela esquina onde fumou crack pela primeira vez. O muro era o mesmo. A sensação que veio não foi desejo — isso tinha morrido no coma, ou antes do coma, na hora em que a paz entrou. O que veio foi uma coisa mais estranha: vergonha misturada com estranhamento, como quem olha uma foto antiga de si mesmo vestido de um jeito que não lembra de ter escolhido.

Passou pelo beco onde fez a primeira entrega pro tráfico. O beco estava igual — estreito, escuro mesmo de dia, com um gato preto dormindo em cima de uma caixa de papelão. Bruce olhou e

sentiu o medo antigo subir pela barriga, rápido, e depois descer, como uma onda que bate e volta. O beco era só um beco. Mas o que tinha acontecido ali não era só uma coisa.

— Chegamos — disse Dona Marta, e apertou o botão de descer.

Os dois desceram. Bruce carregou a sacola. A rua estava vazia — meio da tarde, sol forte, aquele calor de setembro que faz a calçada tremer.

A casa da mãe era a mesma casa. Portão baixo de ferro, tinta azul descascando. Muro com uma rachadura que ele lembrava de antes. Dona Marta abriu o cadeado. O portão rangeu.

Bruce entrou.

A sala estava diferente. Não diferente de decoração — diferente de ausência. Não tinha sofá. Não tinha televisão. Não tinha o rack, não tinha o espelho, não tinha o relógio de parede. Tudo que ele tinha vendido pra sustentar o vício estava ainda vendido. No lugar, Dona Marta tinha

improvisado. Um colchão de solteiro no canto, coberto com um lençol florido. Uma mesinha de plástico branca, das de boteco. Duas cadeiras. E em cima da mesinha, uma coisa que fez Bruce parar no meio da sala.

A Bíblia.

A mesma Bíblia de capa de couro falso descascando, com marcas de café nas páginas. Aberta. Aberta no Salmo 40. *“Esperei com paciência no Senhor, e Ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.”*

E ao lado da Bíblia, uma foto.

Bruce pegou a foto. Era dele. Devia ter uns dez, onze anos. Uniforme de escola, mochila nas costas, sorrindo com os dentes da frente ainda tortos. Dona Marta tinha guardado aquela foto. Tinha guardado a foto durante os anos do vício, durante as noites sem luz, durante a sala vazia, durante os cinco anos de presídio, durante os trinta e dois dias de coma. Tinha guardado e colocado ali, na mesa, do lado da Bíblia, como

se dissesse: “*esse é o meu filho. Esse sempre foi o meu filho.*”

Bruce segurou a foto e não conseguiu falar.

Dona Marta apareceu atrás dele, vindo da cozinha, com dois copos de suco de laranja — feito na hora, com as laranjas que a vizinha deu.

— Pega, filho. Tá calor.

Ele pegou o copo. Olhou pra mãe. Ela estava mais velha do que ele lembrava. Mais magra. As mãos tinham as marcas de quem lava roupa dos outros pra ganhar a vida. Mas os olhos — os olhos eram os mesmos. Firmes. Sem mágoa. Sem cobrança. Olhos de quem decidiu, muito tempo atrás, que ia acreditar no filho até o fim, e estava cumprindo.

— Mãe — disse Bruce. — Eu vou fazer diferente agora.

Dona Marta tomou um gole do suco. Não respondeu logo. Olhou pra sala vazia, pro colchão no canto, pra Bíblia aberta, pro filho que

ela quase perdeu três vezes — pro vício, pra cadeia, pro coma — e que estava ali, de pé, com um copo de suco na mão e os olhos diferentes.

— Eu sei — disse ela. — Eu sempre soube.

A luz da tarde entrava pela janela e batia no lençol florido do colchão. O copo suava na mão de Bruce. Do lado de fora, o cachorro caramelo latiu pra alguma coisa que só ele viu.

Bruce ficou ali, parado, no meio daquela sala quase vazia, segurando a foto de si mesmo criança.

Amanhã teria que procurar emprego. Amanhã teria que enfrentar as esquinas, os olhares, o traficante que ainda morava duas ruas acima. Amanhã o mundo ia testar cada pedaço dessa fé nova. Mas isso era amanhã.

Hoje... hoje ele estava em casa.

JOÃO PAULO

O bolo tinha trinta velas.

Alice acendeu todas às sete da noite, quando João Paulo mandou a mensagem dizendo que estava saindo do escritório. Yasmin, a caçula de cinco anos, ficou de joelhos no sofá com o queixo apoiado no encosto, vigiando a porta. Bella, a mais velha de nove, ajudou a mãe a pendurar os balões com fita crepe na parede da sala — dourados, porque o pai gostava de dourado.

Às sete e meia, Alice acendeu as velas de novo. A primeira fileira já tinha derretido até o glacê.

— Ele deve estar no trânsito — disse pra Bella, que não tinha perguntado nada.

Às oito, Yasmin desceu do sofá e foi assistir desenho no quarto. Bella tirou os balões que tinham caído e colou de novo. Alice guardou o bolo na geladeira com as velas ainda enfiadas, tortas agora, inclinadas pro lado como soldadinhos cansados.

O jantar esfriou.

Às nove, Alice colocou as meninas pra dormir. Bella pediu pra esperar o pai. Alice disse que amanhã ele estaria em casa, que ia ser melhor, que iam fazer de novo a festa.

— Não precisa — disse Bella, e virou pro lado.

Alice ficou parada na porta do quarto por um instante. Apagou a luz.

João Paulo sabia que tinha festa. O lembrete estava no celular desde segunda-feira: *"Aniversário — sair mais cedo!!!"* com três exclamações que ele mesmo tinha colocado. Viu a notificação às cinco da tarde, quando o telefone vibrou em cima da pilha de contratos. Pensou: mais meia hora. Meia hora virou uma ligação pro engenheiro da obra do centro comercial, que virou uma revisão de planilha, que virou uma reunião rápida com Mendonça, o sócio, que nunca era rápida.

Quando saiu do escritório, o estacionamento estava vazio. O segurança do prédio acenou do portão. João Paulo olhou o relógio no painel do carro: dez e quarenta e sete.

Não ligou pra casa. Sabia que as meninas já estariam dormindo.

No caminho, passou pela avenida principal. Os postes jogavam luz alaranjada no asfalto. O rádio tocava uma música que ele não conhecia. Desligou. Gostava do silêncio do carro. Era o único lugar onde ninguém pedia nada dele.

Ou melhor: era o único lugar onde ele conseguia ouvir a voz que o empurrava.

“Mais um pouco. Falta pouco.”

João Paulo não sabia exatamente o que faltava. O escritório já ocupava o andar inteiro de um prédio na região nobre. A construtora tinha sete obras simultâneas. A conta bancária tinha mais dígitos do que ele conseguia gastar. Na semana passada, o prefeito o cumprimentou pelo nome num evento — pelo “nome”, não pelo cargo. O prefeito sabia quem era João Paulo Medeiros.

Mas quando pensava nisso, o peito não descansava. Era como subir uma escada que nunca terminava. Cada degrau mostrava o próximo, e o próximo era sempre um pouco mais alto, um pouco mais brilhante, um pouco mais necessário.

“Mais um pouco.”

Estacionou na garagem. A casa era bonita. Ele mesmo tinha desenhado a fachada com o arquiteto — linhas retas, vidro fumê, jardim com

iluminação embutida que acendia sozinha às seis da tarde. Uma casa que dizia para o condomínio inteiro: *“alguém importante mora aqui”*.

Entrou pela porta dos fundos. A cozinha estava limpa. No balcão, um prato com filme plástico: o jantar que Alice tinha separado. Frango, arroz, salada. Tudo frio.

Ele não comeu. Subiu as escadas.

Na manhã seguinte, João Paulo acordou às cinco e meia como sempre. O despertador nem precisava tocar — o corpo já tinha aprendido. Alice dormia de costas pra ele, o cabelo escuro espalhado no travesseiro. Ele ficou olhando a curva do ombro dela por dois segundos, talvez três. Depois levantou.

O café ele tomava no escritório. Em casa só escovava os dentes, vestia a camisa social — sempre passada, Alice deixava três penduradas no armário toda noite — e conferia o celular. Quatorze mensagens. Duas do Mendonça. Uma do engenheiro. O resto era grupo de trabalho.

O dia inteiro foi assim: ligações, decisões, planilhas, visita à obra do centro comercial. Na obra, os pedreiros paravam o que estavam fazendo quando ele chegava. O mestre de obras veio até ele com o capacete na mão, quase como um cumprimento militar. João Paulo gostava daquilo. Não da bajulação em si — dizia pra si mesmo que não era isso — mas do peso que sua presença carregava. Ele entrava num lugar e as coisas se organizavam ao redor dele. As pessoas se endireitavam. As respostas vinham mais rápido.

“Isso é ser grande”, pensava. “Isso é o que o meu pai nunca foi.”

O pai. Seu Agenor. Caminhoneiro aposentado que morava numa casa de dois quartos no interior. Homem bom, honesto, que trabalhou

quarenta anos e não tinha nada. João Paulo amava o pai, mas jurou pra si mesmo, aos dezessete anos, olhando o sofá descascado da sala da casa, que nunca seria aquilo. Nunca seria invisível. Nunca seria o homem que ninguém cumprimenta pelo nome.

Às quatro da tarde, Mendonça entrou na sala dele com uma pasta.

— O terreno da zona leste. O dono quer fechar até sexta.

— Sexta é feriado. Sete de Setembro.

— Ele não liga. E é um bom preço.

João Paulo olhou os números. Era um bom preço. Setenta mil metros quadrados, área nobre, potencial pra dois condomínios de alto padrão.

— Vou trabalhar no feriado — disse, sem levantar os olhos da pasta.

Mendonça sorriu.

— Eu sabia que você ia dizer isso.

João Paulo também sorriu. Gostava quando as pessoas sabiam o que esperar dele. Previsível na dedicação. Inabalável no foco. Era assim que se construía um nome.

Quando chegou em casa naquela noite, já passava das nove. A casa estava quieta daquele jeito que ele conhecia — a quietude de quem já desistiu de esperar.

Bella estava na sala fazendo dever de casa no tablet. Levantou os olhos quando ele entrou, disse "*oi, pai*" com a voz neutra de quem constata um fato, e voltou pro tablet. João Paulo passou a mão no cabelo dela. Bella não se mexeu.

Subiu as escadas.

O quarto de Yasmin ficava no fim do corredor. A porta estava entreaberta, a luz do abajur acesa — um abajur de borboletas que projetava sombras coloridas no teto. Yasmin estava deitada, mas com os olhos abertos, olhando as borboletas girarem.

— Oi, princesa. Papai veio dar boa noite.

Ela virou a cabeça no travesseiro. Os olhos dela eram grandes e escuros como os de Alice, mas tinham uma coisa que os de Alice já tinham perdido: esperança.

— Papai.

— Oi, meu amor.

Ele se sentou na beira da cama. Inclinou-se e beijou a testa dela. Cheirava a sabonete de bebê, aquele lilás que Alice comprava no mercado, sempre o mesmo.

Quando se levantou pra sair, Yasmin segurou a manga da camisa dele. Os dedos eram tão pequenos que mal conseguiam fechar no tecido.

— Pai.

— Oi.

— Por que você nunca tem tempo pra mim?

João Paulo parou.

Não foi a pergunta que o parou. Foi o jeito. Yasmin não perguntou com raiva, nem com birra, nem com aquele tom de criança que quer alguma coisa. Perguntou do mesmo jeito que perguntaria **por que o céu é azul** — como se fosse um fato do mundo que ela não entendia, mas aceitava.

Ele se sentou de novo.

— Princesa, o papai trabalha muito pra poder dar coisas boas pra você. Pra você ter essa casa,

essa escola, pra gente poder viajar, pra você ter tudo o que quer.

Yasmin ficou quieta por um momento. As borboletas giravam no teto. A sombra de uma delas passou pelo rosto dela.

— Eu preferia não ter nenhuma coisa boa — disse, com a voz tão baixa que quase não era voz — desde que você ficasse perto.

João Paulo não respondeu.

Não porque não tivesse resposta. Ele sempre tinha resposta. Na obra, no escritório, na reunião, na negociação — João Paulo Medeiros sempre tinha a palavra certa, o número certo, a decisão certa. Era por isso que as pessoas o respeitavam. Era por isso que o prefeito sabia o nome dele.

Mas ali, no quarto da filha de cinco anos, com as borboletas de luz girando no teto e os dedos pequenos ainda segurando a manga da sua camisa, ele não tinha nada.

Beijou a testa dela de novo. Mais devagar dessa vez.

— Dorme, princesa.

Saiu do quarto. Fechou a porta.

Encostou as costas na parede do corredor e ficou ali, parado, olhando o nada. Lá embaixo, ouviu Alice fechando a cozinha. O barulho da torneira. O clique da luz apagando.

Alice já estava na cama quando ele entrou no quarto. Lendo, ou fingindo que lia — o livro estava aberto na mesma página de ontem. João Paulo tirou a camisa, a calça, o relógio. O relógio era um Ômega que ele tinha comprado em São Paulo. Custou o que seu pai ganhava em seis meses. Colocou no criado-mudo.

Deitou.

O teto era branco. A casa era boa. O colchão era caro. O ar-condicionado zumbia numa temperatura que ele mesmo tinha programado.

E o peito doía.

Não era dor de doença. Não era o coração de verdade — pelo menos ele achava que não. Era uma coisa mais funda, mais antiga, como um nó que ele nunca tinha percebido porque estava sempre ocupado demais pra olhar pra dentro.

“Eu preferia não ter nenhuma coisa boa desde que você ficasse perto.”

A frase voltou. Inteira, com a voz da Yasmin, com o peso exato dos dedos na manga da camisa.

Ele pensou no bolo de trinta velas. Nas velas tortas. Na Bella que disse "*não precisa*" e virou pro lado. Na Alice que deixava três camisas passadas toda noite e dormia de costas pra ele.

Pensou no pai. No sofá descascado. Na salinha de dois quartos no interior. E pensou numa coisa que nunca tinha pensado antes: Seu Agenor chegava em casa todo dia às seis. Todo dia. Sentava naquele sofá descascado, ligava a televisão, e ficava ali. E a mãe de João Paulo sentava do lado, e ficavam os dois assistindo novela, e às vezes o pai passava o braço por cima do ombro dela, e era só isso. E era tudo.

“Meu pai era invisível pro mundo. Mas não era invisível pra gente.”

O peito apertou mais. Desta vez doeu de verdade, um aperto que subiu pela garganta e parou atrás dos olhos. João Paulo levou a mão ao rosto. A mão estava tremendo.

Ao lado dele, Alice fechou o livro. Não falou nada. Mas virou de lado e ficou olhando pra ele no escuro.

— A Yasmin me perguntou por que eu nunca tenho tempo pra ela — ele disse. A voz saiu rachada.

Alice não respondeu. Mas ele sentiu a mão dela encontrar a dele por cima do lençol. Os dedos dela eram quentes. Apertaram os dele. Não com força — com presença.

João Paulo ficou olhando o teto.

Pensou no terreno da zona leste. Nos setenta mil metros quadrados. Nos dois condomínios de alto padrão. Na reunião do feriado.

E pensou na mão da filha na manga da camisa. E na mão da esposa na dele.

E soube, com uma clareza que doía como luz nos olhos de quem ficou tempo demais no escuro, que tinha passado os últimos dez anos construindo uma casa que impressionava o condomínio inteiro — e esvaziando o que tinha dentro.

“Não é hora de se empenhar mais pra ser poderoso.”

Apertou a mão de Alice.

“É hora de se empenhar mais pra ser presente.”

Amanhã era feriado. Amanhã não ia trabalhar. Amanhã ia acordar e ficar. Ficar na mesa do café, ficar no sofá, ficar no chão do quarto da Yasmin brincando de borboleta. Ficar.

João Paulo fechou os olhos.

Pela primeira vez em anos, não pensou no próximo degrau.

PASTOR LUÍS

O cheiro de café passado no coador de pano era a primeira coisa que recebia Luís quando chegava à igreja às seis e quarenta da manhã. Dona Carminha, setenta e dois anos, quarenta e seis deles dedicados àquela congregação, não faltava um dia. Chegava antes de todo mundo, abria a porta lateral com a chave que carregava numa correntinha junto da aliança do marido falecido, acendia as luzes do salão, passava o café e deixava o copo do pastor separado — o copo azul, com a borda lascada do lado esquerdo. Luís nunca pediu um copo novo. Gostava daquele. Gostava de Dona Carminha. Gostava de chegar cedo e encontrar o salão ainda vazio, as cadeiras alinhadas, o púlpito com

o microfone desligado, o silêncio que antecedia tudo.

Era ali que ele se sentia em casa.

Não como metáfora. Como fato. Luís havia nascido, literalmente, num quarto aos fundos de uma igreja igual àquela — menor, mais pobre, com goteiras no teto e um ventilador que fazia mais barulho do que vento. Seu pai, o pastor Aníbal, pregava três vezes por semana para quarenta, cinquenta pessoas, nunca mais que setenta. Sua mãe, Dona Glória, liderava o grupo de mulheres, organizava os ensaios do coral, visitava os doentes do bairro com marmita e versículo. O menino Luís cresceu sentado no banco da frente, os pés balançando sem alcançar o chão, ouvindo o pai falar de um Deus que era fogo e era colo, que castigava e que salvava, que exigia tudo e dava tudo.

O pai nunca ficou famoso. Nunca teve carro do ano. Morreu aos sessenta e quatro, de infarto, num sábado de manhã, enquanto revisava o sermão do domingo. O caderno estava aberto na mesa da cozinha. A caneta ainda na mão. O

versículo sublinhado era Miquéias 6:8 — *"O que o Senhor pede de ti? Que pratiques a justiça, ames a misericórdia e andes humildemente com o teu Deus."*

Luís pregou o sermão do domingo no lugar do pai. Tinha vinte e três anos. A voz tremeu na primeira frase e firmou na segunda. Quando terminou, Dona Glória estava na primeira fileira, em silêncio, com as mãos cruzadas no colo. Não chorou. Só olhou para o filho e fez um aceno leve com a cabeça, como quem diz: *"é, agora é com você."*

Sete anos depois, a igreja de quarenta pessoas tinha quatrocentas.

Não aconteceu por acidente. Luís tinha um dom que o pai não tinha — ou que o pai escolheu não usar. Ele entendia pessoas. Não só no sentido

pastoral, de sentar e ouvir, de pôr a mão no ombro e dizer que Deus ia providenciar. Luís entendia o “mecanismo”. Sabia por que as pessoas vinham, por que ficavam, por que saíam. Sabia que a senhora que reclamava do som alto na verdade queria ser ouvida. Que o jovem que parou de frequentar não tinha perdido a fé — tinha arrumado uma namorada que não era da igreja e sentia vergonha. Que o homem de terno que sempre sentava na última fileira vinha ali porque era o único lugar onde ninguém esperava nada dele.

Luís via isso tudo. E usava.

Não de forma cruel. Não como manipulação calculada. Ele genuinamente queria ajudar. Mas a ajuda, aos poucos, foi ganhando método. Estrutura. Indicadores.

Foi ele quem propôs ao conselho da igreja um modelo de gestão baseado em metas. Cada ministério — louvor, jovens, casais, assistência social — passou a ter objetivos trimestrais. Número de visitantes retidos. Porcentagem de membros ativos nos grupos de estudo. Taxa de

retorno após a primeira visita. Os líderes de ministério recebiam relatórios mensais. Luís revisava cada um, anotava em caneta vermelha, devolia com comentários construtivos e prazos.

Os mais antigos estranharam.

— Pastor, isso aqui parece empresa — disse o diácono Walmir, sessenta anos de igreja, mãos calosas de pedreiro.

— E por que a casa de Deus merece menos organização que uma empresa? — respondeu Luís, sorrindo. — O que estamos fazendo é cuidar melhor do rebanho. Saber quem veio, quem sumiu, quem precisa de atenção. Isso não é gestão, irmão Walmir. Isso é pastoreio com responsabilidade.

Walmir coçou a nuca. Não respondeu. Não concordou também. Mas o relatório do trimestre seguinte mostrou que o ministério de casais dobrou de tamanho, e Walmir não reclamou mais.

Os números subiam. E Luís gostava de vê-los subir.

Não era ganância — pelo menos não no começo. Era a confirmação de que ele estava fazendo a coisa certa. Cada membro novo era uma vida alcançada. Cada templo inaugurado era um bairro que agora tinha uma porta aberta. Em dois anos, abriu cinco. Em quatro, doze. Em seis, vinte. Vinte templos, espalhados por bairros que iam do centro à periferia extrema, cada um com seu líder local treinado por Luís, cada um seguindo o modelo, cada um batendo as metas.

A cidade inteira conhecia o nome dele.

A mudança nos sermões aconteceu num domingo comum, sem aviso, sem plano.

Luís estava pregando sobre Romanos 6 — "*O salário do pecado é a morte*" — quando percebeu algo que já vinha percebendo há semanas, mas que naquele momento ficou impossível de ignorar. Na terceira fileira, uma mulher de uns trinta e cinco anos, cabelo preso, olheiras fundas, segurava a bolsa no colo como se fosse um escudo. Luís a conhecia de vista. Sabia que ela tinha vindo pela primeira vez no mês anterior, trazida por uma vizinha. Sabia que estava passando por um divórcio. Sabia que chorava no banheiro depois do culto.

E agora, enquanto ele falava sobre pecado e morte, sobre o juízo que espera quem vive fora da vontade de Deus, ela estava ali, encolhida, com os olhos no chão, os dedos apertando a alça da bolsa até os nós ficarem brancos.

Luís parou no meio da frase.

O auditório inteiro percebeu. Mil e duzentas pessoas em silêncio, esperando.

Ele olhou para o versículo no teleprompter. Olhou para a mulher. Olhou para o versículo de

novo. E então fez algo que nunca tinha feito: abandonou o sermão preparado.

— Eu ia falar sobre pecado hoje — disse, com a voz mais baixa. — Mas eu olho pra vocês e vejo gente cansada. Gente que veio aqui não pra ouvir o que está fazendo de errado, mas pra encontrar um motivo pra continuar de pé amanhã de manhã.

A mulher da terceira fileira levantou os olhos.

— Então eu vou falar sobre outra coisa. Eu vou falar sobre o Deus que vê você. Que sabe o que você está passando. Que não veio aqui hoje pra te apontar o dedo, mas pra te dizer: *“Eu sei. Eu sei e eu estou aqui.”*

O auditório respirou. Luís sentiu. Sentiu fisicamente — como se mil e duzentos peitos tivessem soltado o ar ao mesmo tempo.

A mulher chorou. Mas dessa vez não foi no banheiro. Foi ali, na cadeira, com a vizinha segurando sua mão, sem esconder.

Depois do culto, vinte e seis pessoas pediram pra conversar com o pastor. Vinte e seis. O normal eram quatro, cinco.

Luís voltou pra casa naquela noite e não conseguiu dormir. Ficou sentado na beira da cama, com o celular na mão, olhando os números. Vinte e seis. Ele tinha pregado sobre Romanos 6 dezenas de vezes. Sempre com exegese cuidadosa, contexto histórico, aplicação prática. E nunca, em nenhuma dessas vezes, vinte e seis pessoas pediram pra falar com ele depois.

“O que aconteceu hoje foi diferente”, pensou.

“Hoje eles ouviram o que precisavam ouvir.”

O pensamento seguinte veio rápido, tão rápido que ele quase não percebeu a troca:

“Se eu sempre pregar o que eles precisam ouvir, eles sempre vão voltar.”

Não pareceu errado. Pareceu óbvio. Pareceu pastoral. Pareceu — e essa era a palavra que Luís

usou consigo mesmo, sentado na beira da cama, no escuro — “misericordioso”.

Ele não voltou a pregar sobre o salário do pecado.

O canal no YouTube nasceu três meses depois.

A ideia foi do Marcos, o líder do ministério de comunicação, vinte e oito anos, formado em marketing digital, membro da igreja desde a adolescência. Ele gravou os sermões de quatro domingos seguidos, editou com cortes limpos, colocou legendas, postou. O primeiro vídeo teve oitocentas visualizações. O segundo, três mil. O quarto, quarenta e sete mil.

O algoritmo gostou do pastor Luís.

Gostou da voz grave e calma, da forma como ele olhava direto pra câmera como se estivesse falando com uma pessoa só, das frases curtas que cabiam num reels de trinta segundos. "*Deus não está bravo com você. Deus está torcendo por você.*" Catorze mil compartilhamentos.

Em seis meses, o canal tinha duzentos mil inscritos. Em um ano, oitocentos mil. Luís começou a receber convites para pregar em outras cidades. Depois em outros estados. Conferências, congressos, transmissões ao vivo com cinquenta mil espectadores simultâneos.

As pessoas influentes começaram a aparecer.

Primeiro os empresários. Um dono de rede de farmácias que queria patrocinar o evento de Natal da igreja. Um incorporador que ofereceu um terreno para o vigésimo primeiro templo — de graça, sem contrapartida aparente. Um coach famoso que queria fazer uma live conjunta.

Luís hesitou no começo. Sentou no escritório da igreja, com a porta fechada, o copo azul de borda lascada na mão, e se perguntou se estava errado.

Se o pai aprovaria. Se Dona Glória — que agora tinha oitenta e um anos e ainda sentava na primeira fileira — entenderia.

Mas o terreno era real. O templo seria no Jardim Aurora, um bairro onde não havia nenhuma igreja evangélica num raio de dois quilômetros. Aquelas famílias precisavam de uma porta aberta. E o incorporador não pediu nada em troca — só uma placa discreta na fachada, o logo da construtora, nada demais.

“Oferecer coisas boas às pessoas que me seguem é uma forma de ajudá-las”, pensou Luís.
“Então, por que não?”

Aceitou o terreno. Aceitou o patrocínio. Aceitou a live com o coach. Aceitou o convite de um apresentador de TV pra uma entrevista de quinze minutos que virou quarenta. Aceitou o almoço com um deputado estadual que "só queria conhecer pessoalmente o homem que está mudando a forma como o Brasil ouve a Palavra de Deus". Aceitou cada coisa separadamente, e cada coisa separadamente parecia razoável.

O copo azul de Dona Carminha continuava na prateleira do escritório. Mas Luís agora tomava café em reuniões, em hotéis, em salas VIP de aeroporto. O copo ficava ali, esperando, com a borda lascada virada para a parede.

O senador Milton Guterres ligou numa quarta-feira.

Não foi a primeira vez. Já tinha mandado recados por intermediários — um assessor que frequentava um dos vinte templos, um empresário amigo em comum que mencionou o nome do senador num almoço "sem compromisso". Luís sabia como funcionava. Tinha crescido vendo isso: o político que aparece no culto em ano de eleição, o envelope que chega discreto, o pedido de *"uma palavrinha aos irmãos sobre a importância de votar com consciência"*. O pai lidava com isso à sua

maneira — aceitava a visita, agradecia o envelope, não pedia votos pra ninguém. "*A consciência do crente é entre ele e Deus*", dizia Aníbal. "*Eu não me meto.*"

Luís não pretendia se meter também. Pelo menos não diretamente. Mas o senador Milton Guterres não era um vereador de cidade pequena pedindo espaço no culto de domingo. Era presidente da Comissão de Comunicação do Senado Federal. E a comissão era responsável por aprovar concessões de rádio e televisão.

Luís atendeu o telefone no escritório da igreja. Estava sozinho. A porta fechada. O copo azul na prateleira atrás dele, fora do campo de visão.

— Pastor Luís, que alegria finalmente falar diretamente com o senhor.

A voz era cordial, pausada, com aquele tom de quem está acostumado a ser ouvido sem pressa.

— Senador, a alegria é minha — disse Luís, e sentiu que era verdade. Sentiu o peito acelerar levemente, a mesma sensação que tinha

quando os números do YouTube subiam, quando o auditório lotava, quando alguém importante reconhecia o seu nome.

— Vou estar na cidade amanhã, no feriado. Tenho alguns compromissos durante o dia, mas gostaria muito de jantar com o senhor. Assuntos que podem ser muito benéficos para nós dois. O senhor teria disponibilidade?

Luís já sabia o que o senador queria. O apoio de vinte templos, centenas de milhares de seguidores, uma máquina de alcance que qualquer marqueteiro político mataria pra ter. E Luís sabia o que ele próprio queria: a concessão de uma emissora de televisão. Um canal aberto, sinal analógico e digital, cobrindo o estado inteiro. Os sermões que hoje alcançavam oitocentos mil inscritos no YouTube poderiam alcançar milhões. Famílias que não tinham internet, que moravam no interior, que nunca iam clicar num link — essas famílias iam ligar a televisão e ouvir a voz do pastor Luís.

“Quantas vidas eu posso alcançar com isso?”, pensou.

Era sempre assim que ele formulava. Sempre em termos de vidas. De alcance. De portas abertas. Nunca em termos de poder.

— Será um prazer, senador. Pode contar comigo.

Desligou o telefone. Ficou parado na cadeira por um momento, olhando para a tela escura do celular. Seu reflexo apareceu no vidro — a barba bem-feita, a camisa social de linho, o relógio que um empresário havia dado de presente no último aniversário da igreja. Não lembrava o nome do empresário. Lembrava da marca do relógio.

Girou a cadeira. O copo azul estava ali, na prateleira. A borda lascada. O café frio de horas atrás.

Luís olhou para o copo e pensou em Dona Carminha. Pensou na mãe, que domingo passado tinha ficado sentada na primeira fileira sem dizer uma palavra depois do culto, só olhando para ele com uma expressão que ele preferiu não decifrar. Pensou no caderno do pai, aberto na mesa da cozinha, Miquéias 6:8 sublinhado de caneta azul.

"O que o Senhor pede de ti?"

O pensamento durou dois segundos. Talvez três.

Então Luís se levantou, pegou o paletó no encosto da cadeira e foi embora. Tinha que escolher o restaurante para o jantar com o senador. Um lugar à altura. Um lugar que mostrasse que o pastor Luís não era um líder de igreja de bairro pedindo favor — era um parceiro de igual para igual.

Saiu do escritório sem apagar a luz. O copo azul ficou na prateleira, com o café frio, sozinho.

À noite, em casa, Luís tomou banho demorado, vestiu o pijama e sentou na cama com o celular. Alice — ele também tinha uma Alice, mas a dele era outra Alice, mais silenciosa, mais

acostumada — já dormia do outro lado, de costas, com a respiração leve.

Abriu o grupo de WhatsApp dos líderes de ministério. Digitou:

"Amanhã tenho um compromisso importante à noite. Jantar com o senador Milton Guterres. Orem por mim. Deus está abrindo portas enormes para o nosso ministério."

As respostas vieram rápido. Emojis de fogo. Mãos levantadas. *"Glória a Deus, pastor!" "É tempo de colheita!" "O Senhor está no controle!"*

Luís leu cada uma. Sorriu. Guardou o celular na mesinha de cabeceira.

Ficou no escuro, de olhos abertos.

Do lado de fora, a cidade dormia na véspera do feriado. Em algum lugar daquela mesma cidade, um homem com cicatrizes no rosto dormia num colchão no chão, ao lado de uma Bíblia aberta no Salmo 40. Em outro lugar, um pai de trinta anos estava deitado no escuro com a mão no peito,

ouvindo a voz da filha repetir uma frase que ele nunca ia esquecer.

E aqui, nesta cama de lençóis egípcios, o pastor Luís sentia algo que ele chamou de expectativa.

“É hora de alcançar os grandes”, pensou. “É hora de tomar posse. É hora da vitória.”

Fechou os olhos. Dormiu bem.

A mãe dele, no apartamento pequeno do outro lado da cidade, não dormiu. Ficou sentada na poltrona da sala, com a Bíblia no colo aberta em Miquéias 6:8, pedindo a Deus uma coisa que não sabia como pedir — que devolvesse o filho que ela conhecia.

IAN

A primeira vez que Ian cantou de verdade — não cantarolou, não imitou, cantou — ele tinha seis anos e estava no aniversário da tia Neide.

A tia Neide fazia cinquenta. O bolo era de chocolate com morango, comprado na padaria do bairro, com o nome escrito em glacê rosa. O som era uma caixinha de bluetooth em cima da mesa de plástico, tocando uma playlist de sertanejo que ninguém tinha escolhido. Em algum momento da festa, alguém desligou a música e pediu pro menino cantar. Ian não lembrava quem pediu. Lembrava do resto.

Lembrava de subir na cadeira porque era baixo demais pra ser visto. Lembrava da mão da mãe no ombro dele, firme, como quem diz “*vai, eu tô aqui*”. Lembrava de abrir a boca e cantar uma

música do Roberto Carlos que tinha ouvido no rádio da cozinha — “Esse cara sou eu” — e lembrava do silêncio.

Não o silêncio de desinteresse. O silêncio de espanto.

Trinta e poucas pessoas no quintal da tia Neide, com copo de guaraná na mão e prato de salgadinho no colo, pararam. Pararam de mastigar, de conversar, de rir. Ficaram olhando pro menino de seis anos em cima da cadeira como se estivessem vendo uma coisa que não combinava com aquele quintal, com aquele bolo de padaria, com aquela caixinha de som barata.

A voz de Ian não era de criança. Quer dizer — era, porque ele tinha seis anos e o corpo era de criança e o fôlego era de criança. Mas o timbre tinha uma coisa que não se ensina. Uma coisa que nasce pronta, como a cor dos olhos. A voz saía limpa, redonda, com uma vibração no fundo que fazia o peito de quem ouvia responder. Não era técnica. Era matéria-prima.

Quando terminou, a tia Neide estava chorando. A mãe dele estava chorando. O tio Geraldo, que não chorava nem em enterro, estava com os olhos vermelhos e o queixo duro.

Ian desceu da cadeira e pediu um pedaço de bolo.

Ele não entendia o que tinha acontecido. Só sabia que gostava. Gostava do silêncio que vinha antes dos aplausos. Gostava de sentir que, por dois minutos, todo mundo naquele quintal estava olhando pra ele e só pra ele.

Esse gosto nunca passou.

Na escola, Ian era o menino que cantava.

Não era o mais inteligente, não era o mais bonito, não era o melhor no futebol. Mas era o que cantava. E isso bastava. Nos eventos de fim de ano, a professora já separava um número pra ele. Nos encontros da turma, alguém sempre pedia. Nos aniversários dos colegas, ele era convidado não porque fosse popular — era, mas não por isso — e sim porque a festa ficava melhor quando ele cantava.

Ian aprendeu cedo uma coisa que a maioria das pessoas demora a vida inteira pra entender: o palco resolve tudo. Tá triste? Sobe no palco. Tá inseguro? Sobe no palco. Não sabe quem é? Sobe no palco. Lá em cima, debaixo da luz, com o microfone na mão e os olhos de todo mundo em cima, Ian sabia exatamente quem era. Era o cara que cantava. Era o cara que fazia o silêncio acontecer.

Na adolescência, a coisa cresceu. A voz engrossou, ganhou corpo, ganhou uma rouquidão no grave que fazia as meninas da escola virarem a cabeça. Ian percebeu isso aos quinze anos, num show de talentos do colégio. Cantou uma música do Luan Santana — “Te

esperando” — e quando desceu do palco, três meninas vieram falar com ele. Três. De uma vez. Uma delas era a Jéssica do terceiro ano, que todo mundo queria e ninguém conseguia.

Jéssica deu o número do celular pra ele naquela noite.

Ian guardou o número e guardou a lição: a voz abria portas que o resto dele não conseguia abrir. Sozinho, sem microfone, ele era um garoto comum de bairro comum, tênis surrado, mochila genérica, mãe que trabalhava em loja de roupa no centro. Mas com a voz — com a voz ele era outra coisa. Uma coisa que as pessoas queriam perto.

Aos dezoito, Ian largou o cursinho que a mãe tinha pago com sacrifício e começou a cantar em barzinhos.

O primeiro bar se chamava Recanto do Samba, apesar de não tocar samba. Ficava numa rua sem saída, perto da rodoviária, com mesas de plástico na calçada e um palco que era um tablado de madeira com duas caixas de som empilhadas. Ian ganhava cento e cinquenta reais por noite, mais o que caísse no copo de gorjeta. Cantava de tudo — sertanejo, pagode, MPB, pop, o que pedissem. A voz dele se encaixava em qualquer música como água se encaixa em qualquer copo.

Foi ali que ele descobriu a outra coisa que o palco dava.

Mulheres.

Não uma. Não de vez em quando. Toda noite. Toda noite tinha alguém no balcão olhando pra ele com aquele olhar que não precisa de tradução. Ian aprendeu a identificar o olhar antes do segundo set. Aprendeu a retribuir com um sorriso no meio da música, sem perder o tempo, sem desafinar. Aprendeu que depois do show, bastava descer do palco, ir até o balcão, e dizer

qualquer coisa. Qualquer coisa. A voz fazia o trabalho.

Era fácil demais.

E porque era fácil, virou rotina. Show, aplauso, bar, mulher, cama, manhã seguinte com ressaca e um número de telefone que ele nunca ia ligar. Repetia. Toda semana. O copo de gorjeta enchia, o copo de cerveja enchia, a cama nunca ficava vazia. Ian tinha dezenove, vinte, vinte e um anos e achava que aquilo era a vida funcionando.

Mas a carreira não andava.

Os barzinhos eram sempre os mesmos. As casas noturnas eram sempre as mesmas. O público era sempre o mesmo — cinquenta, oitenta pessoas no máximo, gente do bairro, gente que ia pelo chopp e ficava pela música. Ian mandava vídeo pra produtora, mandava áudio pra gravadora, mandava mensagem pra empresário. Ninguém respondia. Ou respondia com aquele *"vamos manter contato"* que significa *"não me procura mais"*.

A cidade tinha um teto, e Ian batia a cabeça nele toda noite.

Aos vinte e quatro, vinte e cinco, a rotina que parecia liberdade começou a parecer outra coisa. As mesmas músicas. As mesmas mesas de plástico. As mesmas mulheres — rostos diferentes, mesmo roteiro. A cerveja que antes era celebração virou combustível. Depois virou muleta. Ian bebia antes do show pra soltar a voz. Bebia depois do show pra aguentar a frustração. Bebia no dia seguinte pra não pensar no dia anterior.

A mãe ligava. Ele não atendia.

Não porque não gostasse dela. Porque não queria ouvir a pergunta que ela sempre fazia: "*E o cursinho, filho? Não quer voltar?*" O cursinho era o plano B. E Ian não queria plano B. Queria o plano A. Queria o palco grande, o microfone de verdade, o nome dele no cartaz, a multidão cantando junto. Queria ser alguém.

Mas o alguém não vinha.

Éster apareceu num fim de semana em que Ian tinha ido pro interior pra esfriar a cabeça.

Uma cidadezinha a três horas de ônibus. Ruas de paralelepípedo, praça com coreto, padaria que fechava às seis da tarde. Ian estava hospedado na casa de um primo que morava lá e trabalhava na prefeitura. O primo o levou pra uma igreja evangélica num domingo de manhã — não por insistência, mas porque não tinha mais nada pra fazer naquela cidade num domingo de manhã.

A igreja era pequena. Umas cinquenta pessoas. Ventilador de teto, cadeiras de plástico, púlpito de madeira com um arranjo de flores artificiais. O pastor era um senhor de cabelo branco que falava devagar e citava versículo de memória. Ian não prestou atenção no sermão. Prestou atenção no louvor.

Porque ali, no ministério de louvor, com um vestido simples e o cabelo preso, cantando de olhos fechados como se não tivesse mais ninguém no salão, estava Éster.

A voz dela não era como a dele. Não tinha a potência, não tinha o grave, não tinha aquela coisa que faz o peito responder. Mas tinha uma coisa que Ian nunca tinha ouvido em nenhum palco de barzinho: verdade. Éster cantava como quem conversa com alguém que está ali de verdade. Não performava. Não projetava. Não tentava impressionar. Cantava e pronto.

Ian ficou olhando.

Depois do culto, o primo apresentou os dois. Éster apertou a mão dele com firmeza, sorriu com educação, e perguntou se ele era crente. Ian disse que não. Ela disse "*tudo bem*" e foi embora.

Foi o primeiro “não” que Ian recebeu de uma mulher em anos. Não um não explícito — ela não tinha recusado nada, porque ele não tinha oferecido nada. Mas a indiferença dela era um não. Um não ao charme, ao sorriso, à voz, a tudo

que sempre funcionava. Éster olhou pra ele e viu um cara. Só um cara. Sem palco, sem microfone, sem luz.

Isso deixou Ian maluco.

Ele voltou no domingo seguinte. E no outro. E no outro. Disse pro primo que estava gostando da cidade. Era mentira. Estava gostando dela. Mas Éster não dava brecha. Era simpática, era gentil, conversava depois do culto, ria das piadas dele, mas mantinha uma distância que Ian não sabia como cruzar. Não era frieza. Era uma coisa que ele não conhecia: limite.

Em algum momento — Ian não sabia dizer quando, exatamente — ele começou a gostar da igreja também. Não de Deus. Da igreja. Do lugar. Da rotina. Do café depois do culto, das conversas no pátio, dos ensaios do ministério de louvor onde ele ficava sentado no canto ouvindo. Gostava de estar num lugar onde ninguém bebia, ninguém ficava com ninguém no banheiro, ninguém vomitava no estacionamento. Era limpo. Era calmo. Era o oposto de tudo que ele conhecia.

Quando o pastor perguntou se ele queria aceitar Jesus, Ian disse que sim.

Não porque tivesse sentido alguma coisa. Não porque tivesse tido uma experiência, uma visão, um toque. Disse que sim porque era o próximo passo lógico pra ficar perto de Éster e pra pertencer àquele lugar. A conversão foi um ingresso, não uma transformação.

Mas ninguém sabia disso. Nem Ian sabia direito. Ele se convenceu de que era real. Se convenceu de que a paz que sentia na igreja era Deus, e não simplesmente o alívio de estar longe dos barzinhos. Se convenceu de que a vontade de cantar no louvor era chamado, e não a mesma fome de palco de sempre vestida com roupa nova.

Três meses depois, estava no ministério de louvor. Cantando ao lado de Éster. Os dois se davam bem. Ela ria mais perto dele agora, tocava o braço dele quando falava, mandava mensagem depois do ensaio. Ian achava que era questão de tempo.

Não era.

Numa terça-feira de ensaio, Ian e os outros músicos estavam na igreja esperando Éster. Ela chegou atrasada. Entrou pela porta lateral com um sorriso que Ian nunca tinha visto no rosto dela — um sorriso largo, solto, de quem não está tentando controlar nada. E estava de mãos dadas com um homem.

O homem era alto. Moreno. Camisa social com as mangas dobradas. Sorriso fácil. Apertou a mão de todo mundo, se apresentou como Daniel, disse que era da igreja da cidade vizinha. Éster encostou o ombro no braço dele enquanto falava, natural, como se fizesse aquilo há meses.

Ian sentiu o chão sumir.

Não foi ciúme. Ciúme é quando você sabe que pode perder. Aquilo era outra coisa. Era a descoberta de que nunca teve. Que todo o tempo ali — os domingos, os ensaios, a conversão, o batismo, as mensagens depois do culto — não tinha construído o que ele achava que estava construindo. Éster gostava dele. Como amigo. Como irmão em Cristo. Como o cara que cantava bonito no louvor. Só isso.

O rosto dele fechou. Os outros perceberam. O tecladista, um rapaz chamado Davi, perguntou se estava tudo bem. Ian não respondeu. Olhava pra Daniel com uma coisa nos olhos que não combinava com igreja, não combinava com louvor, não combinava com nada que ele tinha fingido ser nos últimos meses.

— Quem é esse cara? — A voz saiu baixa, mas cortante.

— Ian — disse Davi. — Calma.

Ian não ficou calmo. Atravessou o salão. Parou na frente de Daniel. Éster viu o rosto dele e o sorriso morreu.

— Ian, o que foi?

— Esse é o teu namorado? — Ele não olhou pra ela. Olhou pro homem. — É esse o cara?

Daniel levantou as mãos, palmas abertas, gesto de quem não quer confusão.

— Irmão, a gente pode conversar com calma...

— Não me chama de irmão.

O xingamento saiu antes que Ian pudesse engolir. Dois, três palavrões, um atrás do outro, na cara de Daniel, na frente de Éster, na frente de todo o ministério de louvor. Davi e outro rapaz seguraram Ian pelos braços. Ele tentou se soltar. Não conseguiu. Ou talvez não quisesse de verdade — talvez soubesse, em algum lugar, que se soltasse ia fazer uma coisa que não tinha volta.

Éster estava com os olhos cheios de água. Não de medo. De decepção. Olhava pra Ian como quem olha pra uma coisa que pensou que era de um jeito e descobre que é de outro.

— Vai embora, Ian — disse ela. A voz não tremeu.
— Por favor. Vai embora.

Os rapazes levaram ele pra fora. O ar da noite era frio. Ian encostou na parede da igreja, a respiração pesada, as mãos tremendo. Ouviu, de dentro, a voz de Éster pedindo desculpas pro Daniel. Ouviu o som do teclado sendo ligado. O ensaio continuou sem ele.

No dia seguinte, pegou o ônibus de volta pra sua cidade.

Não ligou pra Éster. Não mandou mensagem. Não pediu desculpa. Apagou o número dela do celular como quem arranca um curativo — rápido, pra doer menos. Não doeu menos.

Na sua cidade, Ian procurou outra igreja.

Não por fé. Por hábito. E por uma razão que ele não admitia em voz alta: na igreja, ele podia cantar. Podia subir no palco — chamavam de altar, mas pra Ian era palco — e fazer o que sempre fez. A diferença é que agora, em vez de aplausos, tinha “améns”. Em vez de gorjeta, tinha aperto de mão. Em vez de mulher no balcão, tinha irmã sorrindo na primeira fileira.

A mecânica era a mesma. O combustível é que tinha mudado.

Ian não orava em casa. Não lia a Bíblia. Não ia ao culto de quarta. Ia no domingo quando estava escalado pra cantar, e só. Chegava, cantava, tomava o café, conversava no pátio, ia embora. Pra ele, estava bom. Era um acordo justo: ele dava a voz, a igreja dava o palco.

E a voz dele era boa demais pra alguém reclamar.

Quando Ian cantava, o culto mudava. As pessoas fechavam os olhos. Levantavam as mãos. Choravam. O pastor, depois do louvor, subia no púlpito e dizia que o Espírito Santo tinha se manifestado com poder. Ian ouvia isso e

sentia uma coisa que não era fé — era satisfação. A mesma satisfação do aniversário da tia Neide, do show de talentos, do barzinho. O silêncio antes do aplauso. A confirmação de que ele era especial.

Os meses passaram. Ian se acomodou. A vida era mais limpa agora — sem bebida, sem noitada, sem ressaca. Mas também era mais vazia. O sonho de ser cantor não tinha morrido. Tinha só trocado de roupa. Agora, quando Ian se imaginava no palco grande, o palco tinha uma cruz no fundo e a plateia levantava as mãos em vez de copos. Mas o tamanho do palco era o mesmo. E a fome era a mesma.

A ligação chegou no feriado do Dia da Independência.

Ian estava em casa, deitado no sofá, assistindo um vídeo no celular. O número era desconhecido. Quase não atendeu. Atendeu.

— Ian? Meu nome é Marcos Feitosa. Sou empresário de artistas no segmento gospel. Posso tomar dois minutos do seu tempo?

A voz era firme, educada, com aquele tom de quem está acostumado a falar com gente importante. Ian sentou no sofá. Desligou o vídeo.

— Pode falar.

Marcos explicou. Disse que tinha recebido uma indicação. Disse que no domingo anterior tinha ido à igreja de Ian, sentado no fundo, e assistido ao culto inteiro. Disse que a voz de Ian era uma das mais impressionantes que ele já tinha ouvido em vinte anos de mercado gospel. Disse que via potencial. Disse “potencial nacional”.

Ian ficou em silêncio. O coração batia tão forte que ele achava que Marcos podia ouvir do outro lado da linha.

— Eu gostaria de marcar uma reunião — disse Marcos. — Amanhã, se for possível. Pra gente se conhecer, conversar, ver se faz sentido trabalhar juntos.

— Amanhã — repetiu Ian, como se precisasse ouvir a palavra de novo pra acreditar que era real.

— Amanhã. Pode ser no meu escritório, centro da cidade. Eu mando o endereço por mensagem.

Ian desligou o telefone e ficou parado.

O sofá era o mesmo. A sala era a mesma. A luz da tarde entrava pela janela e batia no chão de cerâmica como sempre batia. Tudo era igual. Mas dentro de Ian, uma coisa que estava adormecida há meses — talvez há anos — acordou de uma vez, com força, como um motor que pega depois de muita tentativa.

“É agora.”

Não pensou em Deus. Não pensou em propósito. Não pensou em ministério, em louvor, em servir. Pensou no palco grande. No nome dele em

cartaz. Na multidão. Nos holofotes. Na fama que ele perseguiu a vida inteira em barzinhos e casas noturnas e que agora, finalmente, estava batendo na porta dele vestida de gospel.

Ian levantou do sofá. Foi até o espelho do banheiro. Olhou pro próprio rosto. Sorriu.

Era o mesmo sorriso que dava no palco do Recanto do Samba antes de descer pro balcão. O mesmo sorriso de quem sabe que a noite vai ser boa.

A roupa tinha mudado. A fome, não.

CAMINHOS

Sete de Setembro. Feriado do Dia da Independência.

Bruce

O café estava forte. Dona Marta fazia assim — pó demais, água de menos, açúcar nenhum. Café de quem aprendeu a acordar cedo e não reclamar do gosto. Bruce tomou o primeiro gole e sentiu o amargo descer pela garganta como uma coisa viva.

A cozinha era pequena. Fogão de quatro bocas com uma que não acendia, pia de inox com a torneira pingando, azulejo branco com rejunte escurecido. A janela estava aberta e entrava o barulho da rua — moto acelerando, cachorro latindo, rádio do vizinho tocando uma música

que Bruce não conhecia. Cinco anos preso e o bairro continuava fazendo os mesmos sons.

Dona Marta estava sentada do outro lado da mesa, com a caneca nas duas mãos, olhando pro filho como quem olha pra uma coisa que voltou depois de ter sido dada como perdida. Não disfarçava. Não tentava parecer normal. Olhava e pronto, com aquele sorriso quieto que não precisava de boca — ficava nos olhos, nas rugas ao redor dos olhos, na maneira como a cabeça pendia levemente pro lado.

— Tá bonito, filho.

Bruce olhou pra própria roupa. Calça jeans que a mãe tinha comprado na feira, camisa polo azul-marinho, tênis branco que ainda cheirava a loja. Tudo novo. Tudo escolhido por ela. Ele não tinha nada quando saiu do presídio — nada além da roupa do corpo e da cicatriz que ia do ombro até a costela.

— A senhora que escolheu bem — disse, e tomou outro gole.

Dona Marta riu. Uma risada curta, de nariz, que era o máximo que ela se permitia. Depois ficou séria. Não séria de preocupação — séria de quem vai dizer uma coisa que guardou por muito tempo.

Levantou da cadeira. Foi até o armário de cima, aquele que rangia quando abria. Tirou um envelope pardo, grosso, fechado com um elástico. Voltou pra mesa e colocou na frente de Bruce.

Ele olhou pro envelope. Olhou pra mãe. Ela não disse nada. Fez um gesto com o queixo — “abre”.

Bruce tirou o elástico. Abriu. Contou.

Três mil reais. Em notas de cinquenta e de cem, algumas amassadas, algumas lisas, misturadas como se tivessem vindo de lugares diferentes ao longo de muito tempo. Porque tinham. Bruce sabia exatamente o que era aquele dinheiro. Sabia o número. Sabia a quem devia. Sabia o que acontecia com quem não pagava.

O traficante se chamava Bira. Morava duas ruas acima. Três mil reais de crack que Bruce tinha pegado fiado e nunca pagou. Foi por causa dessa dívida que os homens do Bira tinham ido atrás dele no presídio. Foi por causa dessa dívida que ele quase morreu no corredor do bloco C.

E a mãe dele sabia.

— Mãe — a voz saiu baixa. — A senhora juntou isso...

— Cinco anos — disse Dona Marta. A voz era firme, sem tremor, sem drama. — Todo mês eu guardava o que podia. Às vezes cinquenta. Às vezes vinte. Teve mês que foi dez. Mas eu guardava.

Bruce olhou pras notas na mão. Pensou nas roupas que a mãe não comprou. Nos remédios que ela deve ter dividido ao meio. Nas contas de luz que ela deve ter atrasado. Cinco anos juntando moeda por moeda, nota por nota, pra que o filho não morresse quando saísse.

— Eu não posso aceitar isso.

— Pode e vai. — Dona Marta não levantou a voz. Não precisava. — Você sabe o que acontece se não pagar. Eu não passei cinco anos orando pro meu filho voltar pra perder ele de novo por causa de três mil reais.

Bruce fechou os olhos. O envelope pesava na mão como se tivesse chumbo dentro.

Ela tinha razão. Ele sabia que ela tinha razão. A vida nova que ele queria — o emprego, a igreja, a paz, a mãe tomando café com ele toda manhã — nada disso existia enquanto a dívida existisse. O Bira não esquecia. O Bira não perdoava. O Bira cobrava em sangue.

— Eu vou devolver cada centavo pra senhora — disse Bruce. — Cada um. Assim que eu conseguir um emprego.

Dona Marta tomou o último gole de café. Colocou a caneca na pia. Voltou, passou a mão no rosto do filho — a mão áspera de quem lava roupa dos outros, passando pela cicatriz no rosto dele com uma delicadeza que não combinava com a aspereza — e disse:

— Vai com Deus, filho. Vai e volta.

Bruce guardou o envelope no bolso da calça. Sentiu o volume contra a coxa. Saiu pela porta da frente, atravessou o portão de ferro azul descascado, e virou à direita.

A rua do Bira era duas quadras acima. Bruce caminhou devagar. O sol da manhã batia no asfalto e o calor já subia pelas solas do tênis novo. Passou pela padaria, pelo poste torto, pelo campo de futebol. Tudo igual. Tudo no lugar.

Menos ele.

João Paulo

As meninas quase se engasgaram com o cereal.

João Paulo entrou na cozinha às sete e quinze da manhã vestindo uma camisa regata branca, um short de surfista estampado com flores azuis e carregando, debaixo do braço, uma boia redonda de flamingo que Yasmin tinha ganhado no Natal e nunca usado.

Bella largou a colher no prato. Yasmin abriu a boca e o leite escorreu pelo queixo. Alice, que estava de costas arrumando a bolsa em cima do balcão, virou e ficou parada com a mão no zíper.

— Bom dia — disse João Paulo, e sentou na cadeira como se estivesse de terno.

Silêncio.

Mesmo sendo feriado, era quarta-feira, às sete e quinze da manhã, João Paulo Medeiros deveria estar com a camisa social passada, o relógio Ômega no pulso, engolindo um pedaço de pão enquanto conferia o celular e dizia que estava atrasado. Era assim todo dia. Todo dia desde que as meninas se lembravam.

— Pai — disse Bella, devagar, como quem fala com alguém que pode estar tendo um surto. — Que roupa é essa?

— Roupa de praia.

— É quarta-feira.

— Eu sei.

Alice cruzou os braços. Não estava brava. Estava tentando entender.

— João, você tem reunião às nove.

— Cancelei.

— Cancelou?

— Cancelei.

Yasmin olhava do pai pra mãe, da mãe pro pai, com os olhos enormes e o queixo molhado de leite. Não entendia o que estava acontecendo, mas sabia que era diferente. Diferente era bom.

Diferente significava que alguma coisa tinha mudado.

João Paulo colocou a boia de flamingo em cima da mesa, entre os pratos de cereal e a jarra de suco. A boia era ridícula — rosa-choque, com o pescoço do flamingo curvado e um bico laranja sorridente. Ocupava metade da mesa.

— Eu pensei muito ontem à noite — disse ele. Não olhou pra Alice. Olhou pras filhas. — Pensei no aniversário que eu perdi. Pensei no feriado que eu trabalhei. Pensei em todas as vezes que eu disse "amanhã" e o amanhã nunca chegou.

Bella não se mexeu. O rosto dela estava duro, fechado, com aquela expressão de nove anos que já aprendeu a não esperar demais.

— E aí? — disse ela. A voz era plana.

João Paulo sustentou o olhar da filha. Doeu. Doeu porque ele reconheceu naquele olhar a mesma coisa que viu no rosto de Alice na noite do bolo — não raiva, não tristeza, mas algo pior:

a proteção de quem já se decepcionou e não quer se decepcionar de novo.

— E aí que hoje eu vou estar presente. Não amanhã. Hoje. Liguei pra avó de vocês e avisei que vocês não vão. Liguei pra manicure da sua mãe — olhou pra Alice — e desmarquei. Disse que era urgência familiar.

— Urgência familiar? — Alice descruzou os braços. — João, que urgência?

— A urgência de eu estar aqui.

O silêncio durou três segundos. Quatro. Cinco.

Yasmin desceu da cadeira, correu até o pai e abraçou a perna dele com os dois braços. O rosto dela afundou no short de surfista. João Paulo sentiu os dedos pequenos apertando a coxa dele e o peito doeu de novo — mas dessa vez era uma dor boa, uma dor de coisa voltando pro lugar.

Bella não se mexeu. Ficou na cadeira, com a colher na mão, olhando pro pai com aquele olhar

duro. Depois, devagar, como quem cede a uma coisa que não quer ceder, o canto da boca subiu. Só um pouco. Quase nada.

— Essa boia é horrível — disse.

— Eu sei — disse João Paulo. — É da sua irmã.

Bella riu. Uma risada curta, contida, de quem não quer dar o braço a torcer. Mas riu.

Alice olhou pro marido. Olhou pra boia de flamingo. Olhou pras filhas. Não disse nada. Mas os olhos dela — os olhos que tinham perdido a esperança que Yasmin ainda tinha — brilharam. Só um instante. O bastante.

Quarenta minutos depois, o carro saiu da garagem. Yasmin ia no banco de trás com a boia no colo, cantando uma música que ela mesma tinha inventado. Bella ia do lado, com os pés no painel, fingindo que não estava animada. Alice ia na frente, com a janela aberta, o cabelo voando, e a mão apoiada no braço do marido.

João Paulo dirigia. O celular estava no porta-luvas. Desligado.

Pastor Luís

O gabinete do pastor Luís ficava nos fundos da igreja, depois do corredor que passava pela sala de escola dominical e pelo almoxarifado. Era uma sala retangular, sem janela, com ar-condicionado de parede que fazia um barulho de motor velho. Mesa de madeira escura, cadeira giratória de couro sintético, estante com livros de teologia e administração eclesiástica. Na parede, um quadro com Salmo 23 em letras douradas. No canto, um galão de água mineral com copos de plástico empilhados.

Às oito da manhã, a sala já estava cheia.

Seis pessoas ao redor da mesa: o diácono Ferreira, a tesoureira Sandra, o pastor auxiliar Cláudio, o assessor jurídico da igreja — um advogado calvo chamado Nogueira — e dois líderes de departamento que Luís tinha convocado por mensagem às seis da manhã. Todos com cara de quem cancelou compromisso pra estar ali.

Luís estava de pé, na cabeceira, com uma pasta aberta e um notebook ligado. Na tela, uma planilha com números, projeções, custos operacionais. A reunião com o senador Milton Guterres era às oito da noite. Doze horas. Doze horas pra deixar tudo impecável.

— O projeto da rede de televisão precisa estar redondo — disse Luís, passando a mão na testa.
— Sem furo. Sem pergunta sem resposta. O senador vai trazer a equipe dele, e essa gente fareja amadorismo a um quilômetro de distância.

Ferreira assentiu. Sandra abriu o caderno. Cláudio ajustou os óculos. A sala entrou no ritmo que Luís conhecia — o ritmo de trabalho, de

execução, de gente que obedece porque confia ou porque teme, e às vezes as duas coisas.

Passaram uma hora nos números. Grade de programação, custo de equipamento, estimativa de audiência, modelo de captação de recursos. Luís conhecia cada linha. Tinha passado semanas montando aquilo. A concessão de televisão era o próximo degrau — o degrau que transformaria a igreja de Luís numa das maiores do estado. Não era vaidade. Era visão. Pelo menos era o que ele dizia pra si mesmo.

Às nove e doze, o celular tocou.

Luís olhou a tela. Número desconhecido. Normalmente não atenderia — não no meio de uma reunião dessas. Mas alguma coisa no número o fez atender. Talvez o fato de ser oculto. Talvez instinto.

— Alô?

A voz do outro lado não era normal. Era metálica, distorcida, como se passasse por um filtro

eletrônico. Não era voz de robô — era voz de gente que não quer ser reconhecida.

— Olá, Pastor Luís!

— Quem fala?

— Quem fala não importa. O que importa é o que eu sei.

Luís se afastou da mesa. Os outros olharam. Ele fez um gesto com a mão — “*continuem*” — e saiu pro corredor, fechando a porta atrás de si.

— Fala.

— Vai sair uma matéria. Youtube. Canal grande. Sobre o dinheiro que o senhor recebeu de um político nas últimas eleições em troca de orientação de voto dos membros da sua igreja.

O corredor estava vazio. A luz fluorescente zumbia no teto. Luís sentiu o chão oscilar debaixo dos pés — não literalmente, mas daquele jeito que o corpo reage quando o

cérebro processa uma ameaça antes de a mente entender o tamanho dela.

— Isso é mentira — disse. A voz saiu controlada, mas as veias do pescoço saltaram. — Isso é uma calúnia desgraçada e eu vou...

— Cuidado com o que fala, pastor. — A voz metálica não se alterou. Plana, sem pressa. — A matéria pode sair hoje. Ou pode não sair. Depende.

— Depende do quê?

— Aguarde. Eu ligo de novo com as condições.

A linha caiu.

Luís ficou parado no corredor com o celular na mão. A tela apagou. O reflexo dele apareceu no vidro escuro — rosto tenso, mandíbula travada, olhos que não piscavam.

Voltou pro gabinete. Sentou na cadeira. Os seis pares de olhos estavam nele.

— Tudo bem, pastor? — perguntou Cláudio.

— Tudo bem. — A voz saiu firme. O rosto não confirmava. — Vamos continuar.

Mas não continuou. Não de verdade. O corpo de Luís estava na cadeira, os olhos na planilha, a boca respondendo perguntas. Mas a cabeça estava no corredor, na voz metálica, na palavra que martelava sem parar como o ar-condicionado velho da sala.

“Condições.”

Se a matéria saísse antes da reunião, o senador Milton Guterres cancelava. Não por moral — Milton Guterres não tinha moral nenhuma, Luís sabia disso. Cancelava por cálculo. Político não se associa a escândalo fresco. Político espera a poeira baixar, e quando a poeira baixa, o interesse já passou.

A concessão da rede de televisão. Anos de planejamento. Anos de articulação. Anos de sermões estratégicos, de jantares com gente certa, de apertos de mão que duravam dois

segundos a mais que o necessário. Tudo isso podia desaparecer por causa de um vídeo no Youtube.

Luís apertou o celular debaixo da mesa. A mão tremia. Não de medo. De raiva. Uma raiva funda, antiga, de homem que construiu tudo tijolo por tijolo e agora vê alguém com um fósforo na mão.

“Quem?”

Quem sabia? Quem tinha acesso? A transação tinha sido discreta — dinheiro vivo, sem recibo, sem rastro. Pelo menos era o que Luís achava. Mas alguém sabia. Alguém tinha visto, ou ouvido, ou juntado as peças.

— Pastor — disse Sandra. — O senhor quer que a gente pare?

— Não. — Luís levantou os olhos da mesa. Endireitou a postura. Ajustou a voz. — Ninguém para. A reunião com o senador é às oito. Até lá, tudo tem que estar perfeito. Tudo.

Os seis assentiram. Voltaram ao trabalho.

Luís olhou pro celular. Tela escura. Sem mensagem. Sem ligação.

“Aguarde.”

Ele odiava esperar. Esperar era coisa de quem não tem controle. E Luís sempre teve controle. Da igreja, do púlpito, da narrativa, das pessoas. Sempre soube o que dizer, quando dizer, como dizer. Sempre soube transformar problema em oportunidade, crise em sermão, fraqueza em testemunho.

Mas agora, pela primeira vez em muito tempo, a voz que todos queriam ouvir não sabia o que falar.

Ian

O celular vibrou às seis e quarenta e três da manhã.

Ian estava dormindo de bruços, com o rosto afundado no travesseiro e o lençol enrolado nos pés. O quarto era pequeno — cama de solteiro, guarda-roupa de duas portas com o espelho trincado, uma cadeira de plástico com roupa jogada em cima. A luz da manhã entrava pela fresta da cortina e cortava o chão em diagonal.

A vibração parou. Voltou. Parou de novo. Notificação de mensagem.

Ian abriu um olho. Esticou o braço. Puxou o celular da beira do colchão. A tela acendeu e o nome apareceu em letras brancas sobre o fundo escuro.

Éster.

O corpo inteiro acordou de uma vez. Não foi um despertar normal — foi um choque, como

encostar num fio desencapado. Ian sentou na cama. Piscou. Olhou de novo. O nome continuava ali. Éster. O nome que ele tinha apagado da agenda meses atrás, mas que o celular ainda mostrava porque ela nunca tinha apagado o dele.

A mensagem era curta. Duas palavras.

"Vamos conversar?"

Ian ficou olhando pra tela. O coração batia no pescoço, nas têmporas, nas pontas dos dedos. Leu de novo. Leu uma terceira vez. As duas palavras não mudaram. *"Vamos conversar."*

Éster. A mulher que ele amou sem nunca ter tido. A mulher por quem ele se converteu, frequentou igreja, cantou louvor, fingiu ser outra pessoa. A mulher que mandou ele embora na frente de todo mundo, com os olhos cheios de água e a voz que não tremeu. Éster estava mandando mensagem pra ele. Às seis e quarenta e três da manhã. No dia em que ele ia se encontrar com Marcos Feitosa pra fechar o contrato que mudaria a vida dele.

“Será que é verdade ou é tudo um sonho?”

Ian se beliscou. Doeu. Não era sonho.

Digitou a resposta com os dedos tremendo.
Errou duas vezes. Apagou. Digitou de novo.

"Claro. Quando?"

Enviou. Ficou olhando a tela. Os dois risquinhos azuis apareceram. Ela leu. O ícone de digitação pulsou. Parou. Pulsou de novo.

A resposta chegou.

"Agora. Estou na cidade. Café da praia."

Ian largou o celular na cama e levantou como se o colchão tivesse pegado fogo. Abriu o guarda-roupa. Puxou uma camisa, cheirou, jogou fora. Puxou outra. Cheirou. Vestiu. Tirou. Vestiu a terceira. Calça jeans — não, calor demais. Bermuda. Tênis — não, chinelo. Não, tênis. Tênis.

Entrou no banheiro. Escovou os dentes em trinta segundos. Jogou água no rosto. Olhou no espelho. O cabelo estava amassado de um lado. Molhou a mão e tentou ajeitar. Não ajeitou. Passou gel. Ficou pior. Lavou o gel. Deixou como estava.

Pegou o celular, a chave, a carteira. Trancou a porta. A bicicleta estava encostada no muro, com a corrente enrolada no cano. Ian abriu o cadeado, montou e saiu pedalando.

O café da praia ficava a vinte minutos de bicicleta. Ian fez em doze.

Pedalava de pé, forçando os pedais, o vento batendo no rosto, o sol da manhã esquentando o asfalto. A cidade passava dos dois lados — padaria abrindo, ônibus parando, gente caminhando pro trabalho — mas Ian não via nada. Via Éster. Via o rosto dela, o cabelo preso, o vestido simples, os olhos fechados cantando no louvor. Via o sorriso que ela dava depois do culto, quando ele dizia alguma coisa engraçada e ela ria cobrindo a boca com a mão. Via tudo que ele tinha perdido naquela noite de ensaio,

quando abriu a boca e deixou sair o que não devia.

“O que eu falo pra ela?”

Pedalava e pensava. Pensava e pedalava. As ideias vinham atropeladas, sem ordem, sem filtro.

“Peço desculpa. Digo que fui um idiota. Digo que me arrependo. Digo que mudei.”

Mudou? Ian não sabia. Não parou pra pensar se tinha mudado. Não importava. O que importava era que Éster tinha mandado mensagem. Éster queria conversar. Éster estava no café da praia esperando por ele.

“Digo que amo ela. Digo que sempre amei. Digo que faço qualquer coisa.”

Qualquer coisa. A palavra rodava na cabeça dele como a roda da bicicleta no asfalto — rápida, repetitiva, sem freio.

“Qualquer coisa.”

Ian não pensou no Marcos Feitosa. Não pensou na reunião. Não pensou no contrato, na gravadora, no palco grande, no nome em cartaz. Tudo isso existia — existia e era enorme e era a chance da vida dele — mas naquele momento, pedalando a cento e vinte por hora na cabeça e a trinta por hora no asfalto, nada disso ocupava espaço.

Éster ocupava tudo.

A praia apareceu no fim da avenida. O mar estava calmo, cinza-azulado, com uma linha de espuma branca na areia. O café ficava na esquina do calçadão — mesas de madeira na calçada, toldo listrado, cheiro de pão na chapa e café coado.

Ian freou. Desceu da bicicleta. Encostou no poste. Passou a mão no cabelo. Respirou.

E foi.

DECISÕES

Bruce

A favela começava onde o asfalto acabava.

Não tinha placa, não tinha muro, não tinha linha no chão. Mas Bruce sabia. Sabia pelo chão que virava terra batida, pelo cheiro de esgoto aberto que subia do valão, pelo som das caixas de som empilhadas nas lajes tocando funk às dez da manhã como se fosse meia-noite. Sabia porque tinha crescido ali. Porque aquele chão era o mesmo chão onde ele aprendeu a andar, a correr, a fugir.

A rua do Bira era a terceira à direita depois do campo de terra.

Bruce virou a esquina e sentiu os olhares antes de ver os rostos. Eram seis, sete, talvez oito — ele não contou. Homens encostados nos muros, sentados em cadeiras de plástico, agachados na calçada. Nenhum deles tinha mais de vinte e cinco anos. Todos tinham a mesma expressão: olhos parados, boca fechada, corpo relaxado de quem não precisa correr porque quem corre é o outro.

Um deles levantou a camisa e mostrou o revólver enfiado no cós da bermuda. Não apontou. Não precisava. Mostrar já era o recado.

Bruce continuou andando. Olhou pra frente. Manteve o passo. Não acelerou, não diminuiu. Caminhou pelo meio daquele corredor de homens armados como quem caminha por um corredor de hospital — sabendo que qualquer porta pode abrir pra qualquer coisa.

A casa do Bira ficava no fim da rua. Dois andares, laje sem reboco, antena parabólica no teto, portão de ferro pintado de preto. Na frente, dois rapazes. Um sentado num banquinho com o celular na mão. O outro de pé, braços cruzados,

fuzil apoiado no ombro como quem segura um guarda-chuva.

Bruce parou na frente deles.

— Preciso falar com o Bira.

O do banquinho levantou os olhos do celular. Olhou Bruce de cima a baixo. Demorou nos braços tatuados, na cicatriz do rosto, no tênis branco que não combinava com nada ali.

— Quem é tu?

— Bruce. Morava aqui antes. Tenho um assunto antigo pra resolver com ele.

O do fuzil não se mexeu. O do banquinho olhou pro parceiro, olhou de volta pra Bruce, e levantou.

— Espera aí.

Entrou pelo portão. Bruce ficou parado na calçada, com o sol batendo na nuca e o envelope

grosso pesando no bolso. O rapaz do fuzil olhava pra ele sem piscar. Bruce sustentou o olhar. Não por coragem. Por costume. No presídio, desviar o olhar era convite.

O rapaz voltou em menos de um minuto.

— Ele não vai receber ninguém agora. Tá ocupado. Volta à noite.

— Eu preciso resolver isso agora — disse Bruce.
— É sobre uma dívida. Vim pagar.

— Eu ouvi o que tu falou. E eu falei o que ele mandou falar. Volta à noite.

Bruce deu um passo à frente. O do fuzil tirou o apoio do ombro e segurou a arma com as duas mãos. Não apontou. Mas a posição mudou. O ar mudou.

— Irmão — disse o do banquinho, e a voz desceu um tom. — Vai embora. Volta à noite. Não vou falar de novo.

Bruce olhou pro portão preto. Olhou pro fuzil. Olhou pro envelope no bolso. Respirou. Virou as costas e saiu andando.

O corredor de homens armados se abriu de novo pra ele passar. Ninguém falou nada. Ninguém precisava.

A cidade era outra coisa.

Fora da favela, o asfalto voltava, as calçadas tinham meio-fio, os postes tinham número. Bruce caminhou até o centro. O sol subia e o calor grudava a camisa polo nas costas. Em pleno feriado o comércio continua frenético. Lojas abertas, porque todo comerciante sabe que as melhores vendas acontecem no dia de folga das pessoas. Bruce passou por uma loja — uma papelaria com um cartaz de "Precisa-se" colado no vidro. Entrou.

A mulher atrás do balcão olhou pra ele. Olhou pros braços tatuados. Olhou pra cicatriz no rosto. O sorriso que ela tinha quando ele entrou morreu antes de chegar aos olhos.

— Pois não?

— Vi o cartaz. Vim me apresentar pro trabalho.

— Ah. — Ela ajustou os óculos. — É que... a vaga já foi preenchida.

O cartaz ainda estava no vidro quando Bruce saiu.

Passou por uma segunda loja — uma lanchonete — o dono ouviu até ele dizer "*ex-presidiário*". A palavra caiu na conversa como um copo no chão. O homem recuou meio passo, quase imperceptível, mas Bruce viu. Sempre via. O corpo das pessoas falava antes da boca.

— Olha, rapaz, no momento não tô precisando, não. Mas deixa teu número que qualquer coisa eu ligo.

Não ia ligar. Bruce sabia. O homem sabia. Os dois sabiam e fingiram que não.

Na terceira, uma oficina mecânica, o dono nem deixou ele terminar de falar.

— Não, irmão. Aqui não.

Na quarta, uma padaria, a atendente chamou o gerente. O gerente veio, olhou pra Bruce, e disse que ia "*consultar o proprietário*". Pediu que voltasse na semana seguinte. O tom era o mesmo tom que o rapaz do banquinho tinha usado na frente da casa do Bira: educado por fora, portão fechado por dentro.

Na quinta, sexta, sétima, Bruce já nem se sentava. Entrava, falava, via o olhar mudar, e saía. Em alguns lugares o olhar era de medo — o recuo do corpo, a mão que ia pro celular debaixo do balcão. Em outros era desprezo — o queixo que subia, os olhos que desciam, a boca que se fechava antes de ele terminar a frase.

O sol atravessou o céu. Bruce atravessou o centro, o bairro comercial, a avenida principal.

Entrou em mercado, em loja de material de construção, em borracharia, em depósito. Em cada porta, a mesma cena. As tatuagens falavam antes dele. A cicatriz falava antes dele. O passado falava antes dele.

No fim da tarde, sentou num banco de praça. O tênis branco já não estava branco — tinha poeira, tinha marca de suor, tinha o peso de um dia inteiro de portas fechadas. Bruce olhou pras próprias mãos. As mãos que tinham segurado crack, que tinham segurado faca, que tinham segurado a grade do presídio por cinco anos. Agora queriam segurar uma vassoura, uma chave de fenda, um pano de chão — qualquer coisa que pagasse um salário honesto. E ninguém deixava.

O sol começou a descer. O céu ficou laranja, depois vermelho, depois roxo. As luzes dos postes acenderam uma a uma.

Bruce levantou do banco. Ajeitou a camisa. Sentiu o envelope no bolso.

Virou na direção da favela.

João Paulo

O castelo de areia tinha quatro torres, um fosso e uma ponte levadiça feita com um palito de picolé.

Yasmin estava ajoelhada na areia molhada, com o balde vermelho na mão, explicando pro pai que a princesa morava na torre mais alta e o dragão morava no fosso. João Paulo estava ajoelhado do lado, com o calção de banho sujo de areia até a cintura, as mãos cheias de lama, tentando fazer uma muralha que não desmoronasse.

— Pai, assim não. Tem que apertar mais.

— Tô apertando.

— Não tá. Olha. — Yasmin pegou um punhado de areia, apertou com as duas mãos, e colocou na muralha com uma precisão cirúrgica de quem faz aquilo todo dia. — Viu?

João Paulo olhou pra muralha da filha. Perfeita. Olhou pra sua. Torta, rachada, inclinada pro lado como um prédio condenado.

— Você é melhor que eu nisso — disse.

— Eu sei — disse Yasmin, sem levantar os olhos.

Alice estava deitada na canga, a poucos metros, com os óculos escuros e um livro aberto no peito. Não estava lendo. Estava olhando. Olhando o marido ajoelhado na areia com a filha, com as mãos sujas e o rosto queimado de sol, fazendo uma coisa que ele nunca tinha feito antes. Ou que tinha feito tão poucas vezes que não contava.

Bella estava mais adiante, sentada na beira da água, com os pés enterrados na areia molhada. Tinha um balde cheio de conchas que ela separava por tamanho e cor, organizando fileiras

na areia como quem monta um arquivo. De vez em quando olhava pro pai e pra irmã. Não ia até eles. Mas olhava.

— Vamos pro mar? — disse João Paulo.

Yasmin largou o balde e saiu correndo antes dele terminar a frase. João Paulo levantou, sacudiu a areia dos joelhos, e foi atrás. Passou por Alice e estendeu a mão.

— Vem.

Alice tirou os óculos. Olhou pra mão dele. Olhou pro rosto dele. Pegou a mão.

— Bella! — gritou João Paulo. — Vem!

Bella olhou de longe. Fez que não com a cabeça. Depois levantou, largou as conchas, e veio andando devagar, com aquele jeito de nove anos que não quer parecer animada mas está.

Os quatro entraram no mar juntos. A água estava fria no começo — aquele frio que faz o corpo

inteiro se contrair — e depois ficou boa. Yasmin agarrou o pescoço do pai e ele a levantou acima das ondas. Bella ficou na parte rasa, deixando a espuma bater nos joelhos. Alice mergulhou e voltou com o cabelo colado no rosto, rindo de um jeito que João Paulo não ouvia há meses.

Ele ficou ali. Com a filha pendurada no pescoço, a esposa rindo, a outra filha fingindo que não estava se divertindo. Ficou ali e pensou no escritório. Não com saudade. Com espanto. Espanto de como tinha passado anos inteiros trocando aquilo por uma planilha, uma reunião, um aperto de mão de prefeito.

“Que idiota eu fui.”

O pensamento veio limpo, sem culpa, sem drama. Um fato. Como olhar pra trás numa estrada e ver que pegou o caminho errado. Não adianta se xingar. Adianta virar.

Uma onda maior veio e Yasmin gritou de alegria. O grito ecoou na praia inteira.

Duas horas depois, estavam debaixo do guarda-sol. Yasmin dormia na canga, com a boca aberta e areia no cabelo. Bella comia um milho cozido, segurando o sabugo com as duas mãos. Alice estava encostada no ombro de João Paulo, com os olhos fechados.

— A gente devia fazer isso toda semana — disse João Paulo.

Alice abriu os olhos. Não respondeu. Esperou. Conhecía o marido. Sabia que promessa fácil era especialidade dele.

— Eu sei o que você tá pensando — disse ele. — Que eu vou voltar pro escritório amanhã e esquecer tudo isso.

— Eu não disse nada.

— Não precisa. — Ele olhou pra ela. — Eu não vou esquecer. Não dessa vez.

Alice olhou pra ele por um longo momento. Depois encostou a cabeça no ombro dele de novo e não disse nada. Mas a mão dela encontrou a dele na areia e apertou.

Yasmin se mexeu na canga. Abriu os olhos, zozza de sono, e olhou pro pai.

— Pai.

— Oi, princesa.

— Essa é a vida boa que eu queria.

João Paulo sentiu a frase entrar pelo peito como a onda que tinha levantado a filha no mar. Puxou Yasmin pro colo. Bella largou o milho e se encostou do outro lado. Alice apertou a mão dele mais forte.

Os quatro ficaram ali, debaixo do guarda-sol, com a areia nos pés e o barulho do mar enchendo o silêncio.

Depois levantaram, sacudiram as cangas, juntaram os baldes e as conchas, e foram pro carro. Yasmin dormiu de novo no banco de trás antes de saírem do estacionamento. Bella ia do lado, com a janela aberta, deixando o vento bater no rosto. Alice ia na frente, com a mão no braço do marido.

João Paulo dirigia devagar. Não tinha pressa. Pela primeira vez em anos, não tinha pressa de chegar a lugar nenhum.

Pastor Luís

Às duas da tarde, Luís dispensou a equipe.

— Está tudo pronto. Muito obrigado pela dedicação de vocês. Podem ir, eu finalizo aqui.

Os seis saíram. Cláudio foi o último — parou na porta, olhou pro pastor com aquela expressão de quem quer perguntar e sabe que não deve.

— Vai, Cláudio. Tá tudo bem.

Cláudio assentiu e fechou a porta.

Luís ficou sozinho no gabinete. O ar-condicionado zumbia. O notebook estava aberto na planilha. O celular estava em cima da mesa, mudo, a tela escura como um olho fechado.

Ele andou até a janela. Não tinha janela. Andou até a parede. Voltou. Andou até a mesa. Sentou. Levantou. Andou de novo. O gabinete tinha quatro metros por três. Luís conhecia cada centímetro porque estava andando de um lado pro outro há cinco horas.

Pegou o celular. Olhou o histórico de chamadas. Número privado. Não tinha como ligar de volta. Não tinha como rastrear. Não tinha como fazer

nada além do que a voz metálica tinha mandado fazer.

“Aguarde.”

Luís largou o celular na mesa. Esfregou o rosto com as duas mãos. Sentiu a barba por fazer arranhar as palmas.

“Ora.”

A palavra veio de algum lugar — não de fora, de dentro. Do lugar onde o menino que cresceu no banco da frente da igreja do pai ainda morava, encolhido, quase esquecido, mas vivo.

“Ora, Luís. É o que você faz. É o que você ensina os outros a fazer.”

Ele se ajoelhou. Não no púlpito, não diante de câmera, não com microfone. Se ajoelhou no chão frio do gabinete, entre a cadeira giratória e o galão de água, com os joelhos no piso de cerâmica e as mãos cruzadas na borda da mesa.

E orou.

Mas a oração saiu torta. Saiu como uma negociação, não como uma entrega. Luís pedia a Deus que impedisse a divulgação. Pedia proteção pra igreja. Pedia que o escândalo não viesse. As palavras eram certas — eram as mesmas palavras que ele usava no púlpito, polidas, firmes, cheias de autoridade. Mas por dentro, onde só Deus olha, a oração era outra coisa: era um homem pedindo pra não ser pego.

Luís sabia. Sabia que estava orando errado. Sabia que pedir a Deus pra esconder um pecado não era oração — era cumplicidade. Mas empurrou o pensamento pro lado como quem empurra um móvel pra frente da porta. Não era pecado proteger a igreja. Não era pecado zelar pela imagem da obra de Deus. Se a informação saísse, quem ia sofrer não era só ele — eram os milhares de membros, os projetos sociais, a escola, o abrigo. Tudo isso dependia da reputação dele. Proteger a reputação era proteger a obra.

“A oração de um justo pode muito em seus efeitos.”

O versículo veio automático, como sempre vinha. Luís o usava em sermões, em aconselhamentos, em momentos de crise alheia. Agora o usou pra si mesmo, como um escudo, como uma justificativa.

Levantou dos joelhos. Sentiu a cerâmica ter deixado marca na pele. Olhou pro celular.

Às duas e trinta e sete, o celular tocou.

Luís atendeu antes do segundo toque.

— Demorou — disse, e a voz saiu mais agressiva do que pretendia.

— Eu ligo quando eu quero, pastor. — A voz metálica, plana, sem pressa. — Vamos ao que interessa?

— Fala.

— Vinte mil reais. Em dinheiro. Hoje.

Luís sentiu o sangue subir pro rosto.

— Vinte mil? Você tá maluco? Quem garante que essa informação é verdadeira? Quem garante que você tem alguma coisa? Pode ser tudo mentira, pode ser...

— Pastor. — A voz cortou. — O senhor sabe que é verdade. E eu sei que o senhor sabe. Mas vou te dizer uma coisa que o senhor, como homem de comunicação, já deveria entender: na internet, não importa se é verdade. Importa se viraliza. Uma acusação dessas sai hoje, e amanhã o senhor está explicando pra Justiça Eleitoral, pro Ministério Público, e pra cada membro da sua igreja. Quanto tempo leva pra provar que é mentira? Seis meses? Um ano? E nesse tempo, o que acontece com a reunião de hoje?

Luís não respondeu. Não porque não tivesse resposta. Porque a resposta era o silêncio. O silêncio de quem sabe que o outro tem razão.

— Vinte mil — repetiu a voz. — Hoje. Início da noite. Na praia, calçadão sul, banco em frente ao quiosque azul. Sete e quinze. O senhor vem sozinho, deixa o envelope no banco, e vai embora. Simples.

— Sete e quinze — disse Luís. — A reunião com o senador é às oito.

— Eu sei. Por isso escolhi esse horário. O senhor vai ter tempo. Se não se atrasar.

A linha caiu.

Luís ficou com o celular na mão. A tela apagou. O reflexo dele apareceu no vidro escuro — o mesmo reflexo da manhã, mas diferente. Mais velho. Como se as horas tivessem pesado em dobro.

Vinte mil reais. Não era tanto. Luís tinha mais que isso na conta pessoal. Tinha muito mais que isso na conta da igreja. Vinte mil reais era o preço de um equipamento de som, de uma reforma no banheiro do templo, de um mês de salário do

pastor auxiliar. Era dinheiro, mas não era o fim do mundo.

O fim do mundo era a reunião não acontecer.

Luís abriu o aplicativo do banco no celular. Conferiu o saldo. Fez a transferência pra conta pessoal — vinte mil, redondos. Depois ligou pro gerente e pediu o saque em espécie pra retirada na agência mais próxima. O gerente não perguntou nada. Já tiveram outras experiências.

Às quatro da tarde, Luís saiu da agência com um envelope pardo no bolso interno do blazer. O envelope era parecido com o que Dona Marta tinha dado pro Bruce naquela manhã — grosso, pesado, fechado. Mas o peso era diferente. O de Dona Marta pesava amor. O de Luís pesava medo.

Voltou pro gabinete. Sentou na cadeira. Olhou pro relógio. Três horas até o calçadão. Quatro horas e quarenta e cinco minutos até a reunião com o senador.

Luís abriu a Bíblia que ficava na gaveta da mesa. Não pra ler. Pra segurar. Segurou o couro gasto da capa como quem segura a mão de alguém que já foi embora.

Às seis e meia, vestiu o blazer. Ajeitou a gravata. Conferiu o envelope no bolso. Saiu.

Ian

Éster estava sentada na mesa do canto, a mais perto do mar.

Ian a viu antes de ela ver ele. O cabelo estava solto — ele nunca tinha visto o cabelo dela solto. Na igreja era sempre preso, num coque ou numa trança, prático, sem vaidade. Agora caía pelos ombros, escuro, com uma ondulação que o vento do mar desarrumava e ela não tentava

arrumar. Vestia uma blusa branca simples e uma saia longa. Tinha uma xícara na frente, mas não estava bebendo. Estava olhando pro mar.

Ian parou na entrada do café. O coração batia tão forte que ele sentia a pulsação nos dentes. Passou a mão no cabelo. Respirou. Foi.

— Oi.

Éster virou. O rosto dela mudou — não de expressão, de luz. Como se alguém tivesse acendido uma coisa por trás dos olhos. Ela sorriu. Não o sorriso educado da igreja. Um sorriso aberto, largo, de quem estava esperando e a espera acabou.

— Oi, Ian.

Ele sentou. Pediu um café. Não sabia o que fazer com as mãos. Colocou na mesa, tirou, colocou no colo, cruzou os braços, descruzou. Éster percebeu. Riu baixinho, cobrindo a boca com a mão — o mesmo gesto de sempre, o gesto que ele via toda vez que fechava os olhos.

— Você tá nervoso — disse ela.

— Eu tô em pânico — disse Ian, e os dois riram.

O riso quebrou a parede. Depois dele, as palavras vieram mais fáceis. Éster começou a falar. Falou devagar, escolhendo as frases, como quem anda num caminho que já ensaiou muitas vezes na cabeça, mas nunca pisou de verdade.

Contou sobre o Daniel. Disse que, depois que Ian foi embora, ela e Daniel ficaram juntos por alguns meses. Disse que no começo era bom — ele era gentil, ia à igreja, participava dos cultos. Mas com o tempo, as coisas mudaram. Daniel começou a faltar nos ensaios. Começou a reclamar dos cultos longos. Começou a dizer que ia, e não ia. Éster foi juntando os sinais como quem junta peças de um quebra-cabeça que não quer montar.

— Ele não era cristão — disse Éster. A voz era calma, mas tinha uma dor embaixo, como uma pedra no fundo de um rio limpo. — Estava na igreja por minha causa. Quando percebeu que

eu não ia mudar, que a fé não era uma fase, ele foi embora.

Ian ouviu. Ouviu cada palavra. Ouviu o que ela disse e ouviu o que ela não disse — a solidão, a vergonha de ter errado, as noites pensando no que poderia ter sido diferente.

— E depois que ele foi embora — continuou Éster —, eu comecei a pensar em você.

O café de Ian chegou. Ele não tocou.

— Pensar como? — A voz dele saiu rouca.

— Pensar que eu fui injusta. Que eu te mandei embora sem te ouvir. Que talvez... — Ela parou. Olhou pra xícara. Olhou pro mar. Olhou de volta pra ele. — Talvez eu gostasse de você e não tivesse coragem de admitir.

Ian sentiu o peito se abrir como uma porta que estava trancada há meses. Tudo que ele tinha guardado — a raiva, a vergonha, a saudade, o arrependimento — saiu de uma vez, atropelado, sem ordem.

— Éster, eu sou completamente apaixonado por você. Desde o primeiro dia. Desde o primeiro culto. Eu nunca te esqueci. Nenhum dia. Eu fui um idiota naquela noite, eu sei, eu fui o pior idiota do mundo, mas eu te amo. Eu te amo e eu nunca parei de te amar e eu faço qualquer coisa pra ficar com você.

As palavras saíram rápidas demais, altas demais, sem filtro. O casal na mesa ao lado olhou. Ian não viu. Não via nada além de Éster.

Ela não respondeu na hora. Ficou olhando pra ele com aqueles olhos que ele conhecia de cor — castanhos, fundos, com uma seriedade que não combinava com a idade dela. Depois esticou a mão por cima da mesa e colocou em cima da dele.

— Eu também gosto de você, Ian.

O mundo parou. O mar parou. O vento parou. O barulho do café, das mesas, dos copos, das vozes — tudo virou silêncio. Ian olhou pra mão dela em cima da dele e sentiu uma coisa que não sentia desde o aniversário da tia Neide, desde o

show de talentos, desde a primeira vez que subiu num palco e o mundo inteiro prestou atenção.

Mas era diferente. No palco, o silêncio durava dois segundos e depois vinha o aplauso. Aqui, o silêncio ficou. Ficou e era bom.

Conversaram a tarde inteira. O café virou almoço, o almoço virou outro café. Éster contou da igreja, dos ensaios, das crianças que ela ensinava na escola dominical. Ian contou da volta pra cidade, da igreja nova, dos domingos cantando no louvor. Contou rindo, contou leve, contou como quem mostra uma casa recém-arrumada pra visita.

Depois contou do Marcos Feitosa.

— Um empresário me ligou — disse, e o rosto dele mudou. Acendeu. Os olhos ganharam aquele brilho que Éster não conhecia, mas que qualquer pessoa que já viu lan perto de um palco reconheceria na hora. — Ele foi na minha igreja, me ouviu cantar, e quer trabalhar comigo. Quer me lançar como cantor gospel. Nacional, Éster. Nacional.

Éster tirou a mão de cima da dele.

Não foi um gesto brusco. Foi lento, quase imperceptível, como quem recolhe uma coisa frágil antes que caia. Mas lan sentiu. Sentiu a ausência da mão como se alguém tivesse desligado o sol.

— O que foi?

Éster apertou os olhos. Não de raiva. De algo que parecia preocupação, ou talvez decepção, ou talvez as duas coisas misturadas de um jeito que lan não sabia separar.

— lan, eu preciso te falar uma coisa e eu preciso que você ouça.

— Fala.

— Eu não gosto dessa profissão.

— Que profissão? Cantor?

— Cantor gospel. — Ela falou devagar, medindo cada palavra. — Eu sei que existem cantores cristãos verdadeiros. Eu sei que tem gente que canta pra glorificar a Deus e faz isso com sinceridade. Mas a maioria... a maioria é corrompida, Ian. Pela fama. Pelo dinheiro. Pelo sucesso. Eu vi isso acontecer. Vi gente da minha igreja sair pra cantar e voltar outra pessoa. Ou não voltar.

Ian recuou na cadeira. O brilho nos olhos não apagou — endureceu.

— Éster, é o sonho da minha vida.

— Eu sei. E é isso que me preocupa. — Ela olhou pra ele com aquela seriedade que não combinava com a idade. — Ian, você tá cantando música gospel pra glorificar a Deus? Ou tá

cantando música gospel porque é o caminho mais fácil pra realizar o sonho de ser famoso?

A pergunta entrou como uma lâmina fina. Não porque fosse cruel. Porque era precisa.

Ian sentiu o rosto esquentar. Sentiu a mandíbula travar. Sentiu a mesma coisa que sentiu naquela noite de ensaio quando viu Éster de mãos dadas com Daniel — a raiva subindo pela barriga, rápida, quente, sem pedir licença.

— Você não sabe o que tá falando — disse. A voz saiu mais dura do que ele queria. — Você não sabe o que eu passei. Você não sabe quantos anos eu dediquei pra isso. Eu nasci pra cantar, Éster. Deus me deu esse dom. E agora que a porta tá se abrindo, você quer que eu feche?

— Eu não quero que você feche nada. Eu quero que você pense. Pense bem antes de tomar uma decisão.

— Eu sei o que eu tô fazendo.

O silêncio voltou. Mas agora era outro silêncio. Não o silêncio bom de antes. O silêncio de duas pessoas que chegaram numa parede e não sabem se passam por cima ou voltam.

Éster respirou fundo. Soltou o ar devagar. Quando falou, a voz era mansa, sem briga.

— Eu não vou te impedir de nada, Ian. Só tô te pedindo pra pensar. É só isso.

Ian olhou pra ela. Olhou pro mar atrás dela. Olhou pro celular em cima da mesa — a tela tinha uma notificação do Marcos Feitosa. Endereço do escritório. Horário da reunião.

Levantou.

— Eu preciso ir. Tô atrasado.

Éster assentiu. Não tentou segurar. Não pediu pra ele ficar. Ficou sentada, com as mãos no colo, olhando pra ele com aqueles olhos que diziam tudo que a boca não disse.

Ian se inclinou e beijou a testa dela. Rápido. Como quem faz uma promessa que não sabe se vai cumprir.

— A gente se fala — disse.

Saiu do café. Destrancou a bicicleta. Montou. Pedalou.

Dessa vez não pedalou pensando em Éster. Pedalou pensando no palco. No contrato. No nome dele em cartaz. Na multidão. Nos holofotes.

A pergunta dela ficou pra trás, na mesa do café, junto com a xícara fria e o vento do mar.

“Você tá cantando pra glorificar a Deus ou pra ser famoso?”

Ian pedalou mais rápido. O vento batia no rosto. A cidade passava dos dois lados.

Ele não respondeu a pergunta. Nem pra ela. Nem pra si mesmo.

COLISÃO

O celular não estava no bolso.

João Paulo revirou a bermuda. Bolso esquerdo — chave do carro. Bolso direito — carteira. Bolso de trás — nada. Passou a mão no banco do sofá, levantou as almofadas, olhou debaixo da mesa de centro.

— Alice, você viu meu celular?

Alice estava no corredor, com a toalha no ombro, o cabelo ainda molhado da praia.

— Não. Olha no carro.

João Paulo foi até a garagem. Abriu a porta do motorista, passou a mão debaixo do banco, olhou no porta-luvas, no console, no porta-

copos. Nada. Abriu a porta de trás. Areia no tapete, a boia de flamingo murcha no canto, um chinelo da Yasmin. Nada.

— Bella! — gritou da garagem. — Você pegou meu celular?

— Não, pai.

— Yasmin!

— Não!

João Paulo encostou na lateral do carro e fechou os olhos. Refez o dia na cabeça. Praia. Guarda-sol. Castelo de areia. Mar. Banho de mar. Barraca. Banheiro da barraca. Lavou as mãos. Colocou o celular em cima do porta papel toalha pra não molhar. Secou as mãos. Saiu.

Não pegou o celular.

— Droga.

Voltou pra dentro. Alice estava na cozinha esquentando água pro café.

— Deixei na barraca da praia. No banheiro. Em cima do porta papel toalha.

Alice olhou pra ele.

— Vai lá buscar. Ainda deve estar lá.

— E se alguém já pegou?

— Então vai rápido.

João Paulo pegou a chave do carro. Vestiu a camisa que estava pendurada na cadeira. Calçou o chinelo.

— Eu volto em vinte minutos. Pede a pizza que é o tempo que chego.

Saiu. O portão automático abriu. O carro saiu da garagem e virou à esquerda, em direção à praia.

A noite estava morna. O céu tinha aquele tom de azul-escuro que ainda não é preto, com uma faixa laranja no horizonte onde o sol tinha acabado de sumir. As ruas estavam quase vazias — é feriado, passava das sete, a maioria das pessoas estava em casa.

João Paulo dirigiu rápido. Não por medo de perder o celular. Por pressa de voltar. Pela primeira vez em anos, a pressa não era de chegar a algum lugar importante. Era de voltar pra casa. Pra mesa. Pras meninas. Pra pizza que Alice ia pedir.

Estacionou na vaga em frente à barraca. A praia estava escura. O calçadão tinha postes de luz a cada trinta metros, mas entre eles a escuridão era densa, grossa, do tipo que engole o contorno das coisas. A barraca estava fechando — o rapaz do caixa empilhava cadeiras na calçada.

João Paulo desceu do carro e correu pelo calçadão. Entrou na barraca. Foi direto pro banheiro. Passou a mão em cima do porta papel toalha.

O celular estava lá.

— Que alívio — disse em voz alta, pra ninguém.

Guardou no bolso. Saiu do banheiro. Saiu da barraca. O rapaz do caixa acenou. João Paulo acenou de volta e virou à direita, em direção ao carro.

Não viu os três homens.

Eles estavam encostados no muro baixo que separava o calçadão da areia. Dois sentados, um de pé. Quando João Paulo passou, o de pé se desencostou e começou a andar atrás dele. Os outros dois se levantaram.

João Paulo ouviu os passos. Olhou por cima do ombro. Viu três silhuetas. Acelerou. Os passos atrás aceleraram.

— Ei. — A voz veio de trás, baixa, sem pressa. — Para aí.

João Paulo não parou. Começou a correr. O carro estava a quarenta metros. Trinta. Vinte.

O chute acertou a lateral do rosto.

Não veio de trás. Veio do lado. Um dos três tinha cortado caminho pela areia e apareceu na frente. O pé acertou a maçã do rosto de João Paulo com uma força que fez o mundo girar. Ele sentiu os dentes baterem uns nos outros, sentiu o gosto de sangue antes de sentir a dor, sentiu o chão chegar rápido.

Mãos o agarraram. Puxaram. Arrastaram. O calçadão raspou nas costas dele. Depois a textura mudou — areia. Estavam puxando ele pra fora do calçadão, pra uma área escura entre a barraca e um quiosque fechado, onde os postes não alcançavam.

— Fica quieto! — A voz era jovem. Vinte anos, talvez menos.

João Paulo tentou se levantar. Um soco acertou a boca do estômago. O ar saiu de uma vez, como se alguém tivesse furado um pneu. Ele se

dobrou. Outro soco, no rosto, do outro lado. A cabeça bateu na areia. O mundo ficou branco por um segundo, depois voltou escuro.

— O celular! Dá o celular!

Mãos reviraram os bolsos dele. Puxaram o celular. Puxaram a carteira. Puxaram a chave do carro.

João Paulo estava de costas na areia. O rosto era uma coisa que ele não reconhecia mais — inchado, quente, molhado de sangue. Tentou falar. O que saiu foi um som sem forma, um gemido que não era palavra.

“Alice.”

O pensamento veio antes de tudo. Antes da dor, antes do medo, antes da consciência de que estava morrendo. Alice. Bella. Yasmin. Os rostos das três apareceram no escuro atrás dos olhos fechados, nítidos, como fotos iluminadas por um flash.

Yasmin abraçando sua perna. Bella dizendo "essa boia é horrível" e rindo. Alice com a mão no braço dele no carro, o cabelo voando pela janela aberta.

“Hoje. Hoje eu estava lá. Hoje eu fui presente.”

Um chute acertou as costelas. Outro acertou o rosto. João Paulo sentiu o corpo se fechar como uma mão que se fecha, os joelhos subindo pro peito, os braços cobrindo a cabeça. Mas os chutes continuavam. Nas costas. Nas pernas. Na cabeça.

“Eu perdi tanto tempo. Tanto tempo dando valor pro que não tem valor. E agora não tenho mais tempo.”

A faca entrou pela barriga.

João Paulo não sentiu como faca. Sentiu como um soco quente, um soco que entrava em vez de bater. Depois sentiu o frio — o frio do metal dentro do corpo, um frio que não combinava com a noite morna. A faca saiu. Entrou de novo. Saiu. Entrou uma terceira vez.

Os três homens se afastaram. João Paulo ouviu os passos na areia, rápidos, se distanciando. Ouviu o barulho do carro dele ligando. Ouviu os pneus no asfalto.

Depois não ouviu mais nada.

Ficou ali. De costas na areia. Os olhos abertos, olhando pro céu escuro. O sangue saía devagar, quente, encharcando a camisa, a bermuda, a areia debaixo dele. A dor era uma coisa distante agora, como um som que vem de outro cômodo.

As estrelas estavam acesas. Muitas. Mais do que ele lembrava de ter visto. Ou talvez fossem as mesmas de sempre, e ele é que nunca tinha parado pra olhar.

O calçadão sul era mais comprido do que o pastor Luís lembrava.

Andava há dez minutos. O blazer pesava nos ombros, o envelope pesava no bolso interno, o celular pesava na mão. O calçadão se estendia reto, iluminado pelos postes a cada trinta metros, com o mar escuro de um lado e a avenida do outro. Quase ninguém. Um casal caminhando de mãos dadas. Um ciclista. Um cachorro sem dono farejando uma lixeira.

O chantagista tinha dito calçadão sul, banco em frente ao quiosque azul. Luís já tinha passado por três quiosques. Nenhum era azul. Ou todos eram azuis — na luz dos postes, tudo parecia da mesma cor.

O celular vibrou. Luís olhou a tela. Senador Milton Guterres.

Atendeu.

— Pastor Luís, estamos no restaurante. O senhor está a caminho?

A voz do senador era cordial, mas tinha uma borda. A borda de quem não gosta de esperar.

— Senador, peço desculpas. Tive um imprevisto. Estou chegando em dez minutos.

— Dez minutos. Certo.

A linha caiu. Luís olhou o relógio. Sete e vinte e dois. A reunião era às oito. O restaurante ficava a quinze minutos de carro. Se achasse o chantagista nos próximos cinco minutos, ainda dava tempo.

Andou mais rápido. O sapato social batia no calçadão com um som seco, ritmado, que parecia um relógio contando.

Passou por mais um quiosque. Fechado. Sem banco na frente. Continuou.

Então viu.

Não o chantagista. Outra coisa.

À direita do calçadão, numa faixa de areia escura entre dois quiosques, havia uma forma no chão. Luís diminuiu o passo. Apertou os olhos. A luz do poste mais próximo não chegava ali — era uma zona de sombra, daquelas que a cidade cria sem querer entre um ponto de luz e outro.

Mas dava pra ver. Dava pra ver que era um corpo.

Luís parou.

O corpo estava de costas na areia. Braços abertos. Pernas dobradas de um jeito que não era natural. E debaixo dele, ao redor dele, uma mancha escura que se espalhava pela areia como uma sombra líquida.

Sangue.

Luís deu dois passos na direção da areia. Depois parou. O coração acelerou. Olhou pros lados. O calçadão estava vazio. O casal de mãos dadas já tinha passado. O ciclista tinha sumido. Não tinha ninguém.

Deu mais um passo. Agora via melhor. Era um homem. Bermuda, camisa — a camisa estava encharcada, grudada no corpo. O rosto estava virado pro céu, inchado, irreconhecível. Mas o peito subia e descia. Devagar. Quase nada. Mas subia.

Estava vivo.

Luís ficou parado olhando. O homem não se mexia. Não gemia. Só respirava, com aquela respiração rasa de quem está no limite entre estar e não estar.

O celular vibrou de novo. Luís olhou a tela. Número privado.

Atendeu.

— Pastor. — A voz metálica, distorcida. — Estou a cinquenta metros do senhor. Do outro lado da rua. Atravesse, deixe o envelope no banco de cimento, e vá embora.

Luís olhou pro outro lado da rua. Viu um banco de cimento debaixo de uma árvore. Não viu ninguém.

— Tô vendo o banco — disse.

— Então vá.

A linha caiu.

Luís guardou o celular. Olhou pro homem na areia. Olhou pro banco do outro lado da rua. Olhou pro relógio. Sete e vinte e oito.

“Eu podia ajudar.”

O pensamento veio rápido, automático, como um versículo que sobe sem ser chamado.

“Eu podia ligar pro SAMU. Podia gritar por ajuda. Podia pelo menos ir até ele e ver se está consciente.”

Mas o pensamento seguinte veio mais rápido.

“Se eu parar aqui, perco o chantagista. Se perco o chantagista, a matéria sai. Se a matéria sai, o senador cancela. Se o senador cancela, acabou. Tudo. Anos. Tudo. E o pior de tudo, o nome do Senhor será envergonhado”

Luís olhou pro homem de novo. A respiração continuava. Rasa. Fraca. Mas continuava.

“Alguém vai encontrar ele. Alguém vai passar e vai ver. Eu não sou o único que pode ajudar. Mas eu sou o único que pode salvar a reunião e não permitir que o nome de Deus passe por essa vergonha”

Virou as costas.

Atravessou a rua. Caminhou até o banco de cimento. Tirou o envelope do bolso interno do blazer. Colocou no banco. Ajeitou. Deu dois passos pra trás.

Ficou parado por três segundos. Olhou pro envelope. Olhou pro outro lado da rua, onde o homem estava na areia. Dali não dava pra ver. A escuridão tinha engolido o corpo de novo.

Luís virou e caminhou em direção ao estacionamento onde tinha deixado o carro. O sapato social batia no asfalto. O bolso interno do blazer estava leve agora. Vinte mil reais mais leve.

No carro, ligou o motor. Ajeitou a gravata no espelho retrovisor. Conferiu o rosto — suado, tenso, mas apresentável. Saiu do estacionamento e virou à direita, em direção ao restaurante.

No banco de trás, a Bíblia de capa de couro gasto estava onde ele tinha deixado. Fechada.

Ian pedalava como se o chão estivesse pegando fogo.

A tarde com Éster tinha durado demais. Durado demais e acabado rápido demais — as duas coisas ao mesmo tempo, daquele jeito que só acontece quando o tempo para de funcionar direito. Agora o relógio tinha voltado a funcionar e marcava sete e trinta e cinco, e a reunião com Marcos Feitosa era às oito, e Ian estava de bermuda, camiseta amassada, cabelo de quem passou a tarde no vento do mar.

Precisava ir em casa. Tomar banho. Trocar de roupa. Passar gel no cabelo. Chegar no escritório do Marcos parecendo um profissional, não um moleque que acabou de sair da praia.

A bicicleta voava pelo calçadão. Os pneus finos zumbiam no cimento. O vento batia no rosto e secava o suor antes de ele escorrer. Ian pedalava de pé, forçando os pedais com o peso do corpo, os braços travados no guidão.

“Você tá cantando pra glorificar a Deus ou pra ser famoso?”

A pergunta da Éster voltou. Ian empurrou pro lado. Não era hora. Agora era hora de pedalar, de

chegar, de se arrumar, de impressionar o Marcos Feitosa, de assinar o contrato que ia mudar a vida dele.

O calçadão passava rápido. Postes de luz, quiosques fechados, bancos de cimento, lixeiras. A praia escura do lado direito, a avenida iluminada do lado esquerdo. Ian conhecia aquele trecho — passava ali todo dia a caminho da igreja.

Então viu.

Uma coisa no chão. Na areia. Fora do calçadão, numa faixa escura entre dois quiosques.

Ian diminuiu a velocidade. Apertou os olhos. De longe, parecia um saco. Ou um cobertor jogado. Ou um bêbado dormindo na areia, que era comum naquela parte da praia.

Mas não era um saco. Não era um cobertor.

Era uma pessoa.

Ian freou. A bicicleta parou com um chiado. Ele desceu. Ficou no calçadão, a três metros da areia, olhando.

O corpo estava lá. Imóvel. E debaixo dele, uma mancha escura que na luz fraca do poste mais distante parecia lama, mas não era lama. Era sangue. Muito sangue. Sangue que tinha encharcado a areia ao redor do corpo como uma sombra que cresceu demais.

Ian sentiu o estômago apertar.

“O que aconteceu aqui?”

Deu um passo na direção da areia. Depois parou. Olhou pros lados. O calçadão estava vazio. Não tinha ninguém. Nenhuma testemunha, nenhum policial, nenhuma ambulância.

“Deve ser um mendigo. Ou um drogado. Deve ter se metido em briga. Deve ter roubado alguém e levou a pior.”

Os pensamentos vieram rápidos, organizados, como uma lista de justificativas que o cérebro monta antes de a consciência pedir.

“Se eu tivesse continuado naquela vida de bebida e promiscuidade, podia ser eu ali. Podia ser eu no chão, ensanguentado, sem ninguém pra ajudar. Mas eu não sou mais assim. Eu mudei. Eu vou pra igreja. Eu canto. Eu louvo.”

Ilan olhou pro corpo de novo. O peito do homem subia e descia. Quase nada. Mas subia.

Olhou pro celular. Sete e trinta e oito. A reunião era às oito. Vinte e dois minutos. Precisava ir em casa, tomar banho, trocar de roupa, pedalar até o centro. Não dava tempo de parar. Não dava tempo de ligar pro SAMU e esperar. Não dava tempo de se envolver.

“Essa é a grande oportunidade da minha vida. Se eu perder essa reunião, não vai ter outra. O Marcos Feitosa não vai ligar de novo. A porta vai fechar. E eu vou ficar cantando em barzinho pro resto da vida.”

Ian olhou pro homem na areia. Olhou pro celular.
Olhou pro homem.

Montou na bicicleta.

Pedalou.

Não olhou pra trás. Forçou os pedais. O vento bateu no rosto. O calçadão passou rápido debaixo dos pneus. Os postes de luz iam ficando pra trás, um a um, como batidas de um metrônomo que marca o tempo que ele não tem.

“Eu não podia fazer nada. Eu não sou médico. Eu não sou policial. Alguém vai encontrar ele. Alguém vai ajudar.”

A pergunta da Éster voltou de novo. Dessa vez Ian não empurrou. Dessa vez a pergunta ficou, grudada no peito como a areia gruda na pele molhada.

“Você tá cantando pra glorificar a Deus ou pra ser famoso?”

Ian pedalou mais rápido.

Bruce caminhava devagar.

O calçadão da praia não era caminho pra favela. Era o caminho mais longo, o que contornava a orla e subia pela avenida até o morro. Mas Bruce não tinha pressa. O Bira tinha mandado voltar à noite. Era noite. Ele ia voltar. Mas antes, queria andar.

O envelope estava no bolso. Três mil reais. O peso da dívida, o peso do passado, o peso de tudo que ele queria deixar pra trás. Depois que entregasse aquele dinheiro, estaria livre. Livre de verdade. Sem dívida, sem ameaça, sem corredor de homens armados. Poderia acordar amanhã e começar do zero. Procurar emprego de novo. Levar porta na cara de novo. Mas sem o Bira na sombra.

Enquanto andava, orava.

Não orava em voz alta. Não orava com palavras bonitas. Orava do jeito que tinha aprendido no presídio, depois do coma, quando a mãe lia a Bíblia no ouvido dele e as palavras entravam por um lugar que não era o ouvido. Orava por dentro. Sem forma. Sem fórmula.

“Senhor, me conduz. Me leva por um caminho de paz. Me faz testemunha do Teu nome. Me usa, Senhor. Me usa pra alguma coisa que preste.”

O calçadão estava quase vazio. Os postes de luz jogavam círculos amarelados no cimento. O mar estava escuro, com uma linha de espuma branca que aparecia e sumia na areia. O barulho das ondas era constante, ritmado, como uma respiração.

Bruce andava e orava. Orava e andava. O tênis branco — que já não era branco, que tinha a poeira de um dia inteiro de portas fechadas — batia no calçadão com um som macio, quase sem barulho.

Então viu.

À direita, na areia, entre dois quiosques fechados, numa faixa de escuridão que os postes não alcançavam. Uma forma no chão. Imóvel.

Bruce parou. Olhou. Apertou os olhos. A forma era um corpo. Um homem. Largado na areia. Braços abertos. E ao redor dele, uma mancha escura que se espalhava pela areia como tinta derramada.

O coração de Bruce disparou. Não de medo. De reconhecimento.

Ele conhecia aquela cena. Conhecia aquela posição — o corpo largado, os braços abertos, a poça de sangue crescendo. Conhecia porque já tinha sido aquele corpo. No corredor do presídio, com quatro homens em cima dele e a lâmpada fluorescente piscando no teto. No chão do bloco C, com o estoque entrando entre as costelas. Na maca da UTI, com os tubos saindo do corpo como raízes.

Ele sabia o que era ficar no chão. Sabia o que era sangrar sem ninguém ver. Sabia o que era ser motivo de zombaria enquanto a vida escorria pelo cimento.

Bruce correu.

Atravessou a faixa de areia em cinco passos. Caiu de joelhos ao lado do homem. De perto, o estado era pior do que parecia de longe. O rosto estava desfigurado — inchado, cortado, coberto de sangue seco e sangue fresco. A camisa estava encharcada, grudada no corpo, com três rasgos na altura da barriga que não eram rasgos de tecido. Eram cortes. Cortes de faca.

O homem respirava. Mal. O peito subia um centímetro e descia. Subia e descia. O ar saía com um som úmido, um chiado que Bruce conhecia — o som de pulmão que está se enchendo do que não devia.

— Ei. — Bruce colocou a mão no rosto do homem. A pele estava fria. — Ei, irmão. Tô aqui. Tô aqui.

O homem não respondeu. Não abriu os olhos. Não se mexeu.

Bruce olhou pros cortes na barriga. O sangue ainda saía, devagar, grosso, escuro. Precisava estancar. Precisava de pano, de pressão, de alguma coisa.

Agarrou a manga da própria camisa polo — a camisa que a mãe tinha comprado na feira, a camisa azul-marinho que ele tinha vestido de manhã pra procurar emprego — e puxou. O tecido rasgou na costura. Bruce arrancou a manga inteira. Olhou ao redor. Uma poça de água na calçada, que acumulou de um chuveiro próximo. Molhou o pano. Voltou. Limpou o sangue ao redor dos cortes com cuidado, devagar, como a mãe dele limpava os machucados dele quando era criança. Depois dobrou o pano e pressionou contra o corte maior.

O homem gemeu. Um som fraco, de animal ferido, que saiu de algum lugar fundo.

— Aguenta. — A voz de Bruce era firme. Não tremia. — Aguenta que eu vou te tirar daqui.

Bruce passou o braço por baixo das costas do homem. Passou o outro por baixo dos joelhos. Levantou. O homem era pesado — mais pesado do que parecia, com aquele peso morto de corpo que não ajuda. Bruce sentiu os músculos dos braços e das costas protestarem. Sentiu a cicatriz do ombro — a cicatriz do estoque, a que ia do ombro até a costela — arder como se tivesse aberto de novo. Não parou.

Carregou o homem até o calçadão. Subiu o degrau de cimento com cuidado. Caminhou até a beira da rua. O homem pendia nos braços dele, a cabeça tombada pra trás, o sangue pingando na calçada.

— Táxi! — Bruce gritou. A voz ecoou na rua vazia.
— Táxi!

Um carro passou. Não parou. Outro passou. Não parou.

— TÁXI!

Um táxi apareceu no fim da rua. Bruce levantou o braço — o braço que segurava o homem — e

acenou. O táxi diminuiu. Parou. O motorista olhou pelo vidro e o rosto mudou.

— Que isso, rapaz? Que que aconteceu?

— Ele tá esfaqueado. Preciso ir pro hospital. Agora!

O motorista olhou pro homem ensanguentado. Olhou pra Bruce — os braços tatuados, a cicatriz no rosto, a camisa rasgada, o sangue nas mãos. Hesitou.

— Por favor — disse Bruce. — Ele vai morrer.

O motorista destravou a porta de trás. Bruce entrou com o homem nos braços. Deitou ele no banco. A cabeça ficou no colo de Bruce. O sangue encharcou a calça dele, o banco do táxi, tudo.

— Acelera. Por favor. Acelera.

O táxi saiu cantando pneu.

PRÓXIMO

O hospital público ficava a doze minutos da praia. O motorista fez em sete.

Bruce saiu do táxi carregando o homem. Entrou pela porta da emergência gritando.

— Alguém me ajuda! Ele tá morrendo!

Dois enfermeiros vieram correndo com uma maca. Bruce colocou o homem na maca com cuidado — a cabeça primeiro, depois o corpo, depois as pernas. Os enfermeiros olharam os ferimentos. Um deles pressionou o abdômen e o homem gemeu.

— O que aconteceu? — perguntou o enfermeiro.

— Não sei. Encontrei ele assim. Na praia. Esfaqueado.

— Você conhece ele?

— Não.

Os enfermeiros empurraram a maca pelo corredor. As portas duplas se abriram e se fecharam. Bruce ficou parado na recepção, com as mãos cobertas de sangue, a camisa rasgada, a calça encharcada. O chão de linóleo branco tinha marcas vermelhas onde ele tinha pisado.

Uma assistente social apareceu com uma prancheta.

— O senhor pode preencher o cadastro do paciente?

— Eu não conheço ele. Não sei o nome, não sei nada. Encontrei na praia.

A assistente olhou pra ele. Olhou pras mãos ensanguentadas. Olhou pra cicatriz no rosto.

Não recuou. Não fez cara de medo. Talvez porque trabalhasse num hospital público e já tivesse visto coisa pior.

— Tudo bem. O senhor pode deixar pelo menos o seu nome e endereço? Caso a gente precise entrar em contato.

Bruce deu o nome. Deu o endereço da mãe. A assistente anotou.

— O senhor quer esperar?

Bruce olhou pras portas duplas por onde o homem tinha desaparecido. Olhou pro relógio na parede da recepção. Oito e quarenta e três. Já era noite. Já deveria estar na favela, na rua do Bira, entregando o envelope, quitando a dívida, encerrando o passado.

Sentou na cadeira de plástico da recepção. Não conseguiu sair. Não era hora de sair.

— Vou esperar.

A recepção do hospital público era um lugar que não descansava. Gente entrava e saía. Mães com crianças no colo. Velhos em cadeira de rodas. Um rapaz com o braço enfaixado. Uma mulher chorando no telefone. O cheiro era de álcool, de suor, de café requentado. A luz fluorescente zumbia no teto — o mesmo tipo de luz que zumbia no corredor do presídio, o mesmo tipo de luz que piscava na UTI onde Bruce tinha ficado trinta e dois dias em coma.

Bruce ficou sentado. As mãos no colo. O sangue do homem secando na pele dele, escurecendo, virando crosta. O envelope no bolso, intacto. Três mil reais que deviam estar na mão do Bira e estavam ali, na cadeira de plástico de um hospital público, esperando junto com ele.

As horas passaram. Nove. Dez. Onze.

Bruce não se mexeu. Não foi ao banheiro. Não comprou café na máquina. Não ligou pra mãe — não tinha celular. Ficou sentado, olhando as portas duplas, esperando.

Às onze e quarenta, o médico apareceu.

Era um homem de uns cinquenta anos, cabelo grisalho, jaleco amassado, olheiras profundas. Olhou pela recepção e encontrou Bruce — não era difícil, era o único coberto de sangue.

— O senhor é quem trouxe o paciente?

Bruce levantou.

— Sou.

— Vem comigo.

O médico o levou até um canto do corredor, longe das cadeiras, longe das outras pessoas. Falou baixo.

— O estado dele é grave. Três perfurações abdominais, duas atingiram órgãos. Fraturas no rosto, contusões múltiplas. Fizemos a cirurgia, estabilizamos o que dava pra estabilizar. Ele está na UTI.

— Ele vai sobreviver?

O médico esfregou os olhos. Quando tirou a mão, o rosto estava cansado de um jeito que não era só de uma noite.

— Olha, eu não deveria nem estar falando isso. Como médico, eu tenho protocolo. Mas eu não consigo ver um paciente morrer por causa de irresponsabilidade do governo e ficar calado.

Bruce não disse nada. Esperou.

— A medicação que ele precisa pra se recuperar não tem no hospital. Acabou. Pra conseguir, a gente precisa fazer um pedido pra secretaria de saúde, e isso leva quarenta e oito horas no mínimo. O paciente não tem quarenta e oito horas. Se ele não receber essa medicação nas próximas horas, o risco de óbito é quase total.

— E se comprar na farmácia?

O médico olhou pra ele. Olhou pro sangue nas mãos dele, pra camisa rasgada, pro tênis sujo. Olhou como quem avalia se a pessoa na frente dele é capaz de fazer o que ele está prestes a sugerir.

— Se alguém comprar na farmácia e trazer aqui, a gente dá um jeito de colocar pra dentro do hospital e aplica. Mas, eu preciso de dez ampolas. É o suficiente pra segurar ele até a secretaria mandar o restante.

— Qual o nome do remédio?

O médico tirou uma caneta do bolso do jaleco. Pegou um bloco de receituário. Escreveu. Arrancou a folha e entregou.

— A farmácia vinte e quatro horas da avenida principal deve ter.

Bruce pegou a receita. Olhou o nome do remédio. Não conhecia. Não importava.

— Quanto custa?

— Não é barato. Cada ampola deve custar uns trezentos reais.

Bruce sentiu o número entrar pelo ouvido e descer até o estômago.

Trezentos reais. Dez ampolas. Três mil reais.

Três mil reais.

O mesmo número. O mesmo número exato. O número que estava no envelope no bolso dele. O número que a mãe dele tinha juntado durante cinco anos, nota por nota, moeda por moeda. O número que ele devia pro Bira.

Bruce encostou na parede do corredor. Fechou os olhos.

“Se eu usar o dinheiro pra comprar o remédio, não pago o Bira. Se não pago o Bira, ele vem atrás de mim.”

“Se eu pago o Bira e não compro o remédio, esse homem morre. Morre aqui, na UTI, sozinho, sem ninguém saber quem ele é.”

A parede do corredor era fria nas costas. A luz fluorescente zumbia. O cheiro de álcool ardia no nariz. Bruce ficou ali, com os olhos fechados, o envelope no bolso, a receita na mão, e o peso de duas vidas — a dele e a do desconhecido — nos dois lados da balança.

Orou.

Não orou como o pastor Luís orava — com palavras certas, com versículos prontos, com a voz de quem sabe falar com Deus. Orou como orava no coma. Sem palavra. Sem forma. Só a intenção, crua, desesperada, subindo do peito como fumaça.

“Senhor. Me diz o que fazer. Me diz.”

E o versículo veio. Não veio de fora. Veio do mesmo lugar onde a palavra misericórdia tinha se encaixado no escuro do coma. Veio inteiro, com a voz da mãe, com o som da Bíblia de capa

descascada sendo lida no ouvido dele enquanto ele flutuava entre a vida e a morte.

“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Bruce abriu os olhos.

“Deus deu o Seu Filho. Deu o que tinha de mais precioso. Não calculou. Não pesou. Não fez conta. Deu.”

“E eu? O que eu tenho pra dar?”

Três mil reais. Era tudo que ele tinha. Era tudo que a mãe dele tinha. Era a segurança dela, a vida dela, o sacrifício de cinco anos dela.

Mas ali, do outro lado daquelas portas duplas, tinha um homem morrendo. Um homem que ele não conhecia. Um homem que podia ser qualquer um — podia ser um bêbado, podia ser um ladrão, podia ser um pai de família. Não importava. Estava morrendo.

Bruce lembrou do chão do presídio. Lembrou do sangue escorrendo pelo olho. Lembrou da lâmpada piscando no teto. Lembrou de pensar “eu vou morrer aqui” e de ninguém ter vindo.

Mas alguém veio. A mãe veio. Sentou na cadeira de plástico azul e ficou trinta e dois dias. Leu a Bíblia no ouvido dele. Plantou a palavra misericórdia no escuro. E Deus veio. Veio naquele lugar onde a paz não combinava com nada, e ficou.

“Não foi coincidência eu ter passado na praia naquela hora. Não foi coincidência o hospital não ter o remédio. Não foi coincidência a mãe ter me dado três mil reais. Não foi coincidência o Bira não ter me recebido de manhã.”

“Deus conduziu tudo. Cada passo. Cada porta fechada. Cada “volta à noite”. Tudo pra que eu estivesse aqui, agora, com esse dinheiro no bolso e esse homem morrendo do outro lado da parede.”

Bruce se desencostou da parede. Guardou a receita no bolso. Saiu do hospital.

A farmácia vinte e quatro horas ficava a três quadras. Bruce foi andando. Rápido. O tênis sujo batia no asfalto. O ar da noite era morno. As ruas estavam vazias.

Entrou na farmácia. A luz branca era forte demais depois da escuridão da rua. A atendente olhou pra ele — o sangue nas mãos, a camisa rasgada, a cicatriz — e recuou meio passo.

— Eu preciso disso — disse Bruce, e colocou a receita no balcão.

A atendente pegou a receita. Leu. Foi até o fundo da farmácia. Voltou com uma caixa.

— Dez ampolas. Trezentos reais cada. Total de três mil reais.

Bruce tirou o envelope do bolso. O envelope pardo, grosso, fechado com elástico. O envelope que a mãe tinha enchido durante cinco anos. Abriu. Contou as notas. Colocou no balcão.

A atendente contou. Conferiu. Colocou as ampolas numa sacola.

Bruce pegou a sacola e saiu.

Voltou pro hospital andando. O bolso estava vazio. O envelope estava vazio. Mas o peito — o peito estava cheio de uma coisa que ele não sabia nomear. Não era alívio. Não era medo. Era a mesma paz que tinha sentido no coma, quando alguém disse “eu sei, eu vi tudo, e eu estou aqui”.

Entregou as ampolas pro enfermeiro da recepção. O enfermeiro olhou a sacola, conferiu, e levou pra dentro.

Bruce sentou na cadeira de plástico de novo. Esperou.

Meia hora depois, o médico voltou.

— As ampolas foram aplicadas. O quadro dele está melhorando. Vai ficar na UTI, mas o risco imediato diminuiu.

Bruce soltou o ar. Não sabia que estava segurando.

— Ele vai ficar bem?

— Vai precisar de tempo. Mas agora tem chance.

— O médico olhou pra ele. — Ei! Você salvou a vida desse homem.

Bruce balançou a cabeça.

— Não fui eu.

O médico não entendeu. Não precisava.

— Pode ir pra casa descansar. Qualquer coisa a gente entra em contato. Deixou o endereço na recepção?

— Deixei.

— Então vá. O senhor fez o que podia.

Bruce levantou da cadeira. As pernas estavam duras de ficar sentado. O corpo inteiro doía — os braços de carregar o homem, as costas, a cicatriz do ombro. Saiu do hospital.

A rua estava vazia. Meia-noite passada. O ar da noite era morno e parado. Bruce começou a andar em direção a casa.

O bolso estava vazio. O Bira ia cobrar. O Bira ia mandar os homens. O Bira não perdoava.

Bruce andava e orava.

“Senhor, eu fiz o que o Senhor mandou. Eu amei o próximo como a mim mesmo. Agora eu preciso que o Senhor cuide de mim. Cuide da minha mãe. O Senhor sabe que eu não tenho de onde tirar esse dinheiro. O Senhor sabe o que o Bira faz com quem não paga. Senhor, eu confio. Eu confio no Senhor.”

A oração saiu torta, misturada com medo, misturada com fé, misturada com o cansaço de

um dia que tinha começado com café forte na cozinha da mãe e estava terminando com as mãos cobertas do sangue de um desconhecido.

Bruce andou. A cidade dormia ao redor dele. Os postes de luz jogavam sombras compridas no asfalto. O caminho pra casa era longo.

Ele andou mesmo assim.

VIDA ETERNA

A porta de casa estava aberta.

Bruce viu de longe. O portão de ferro azul descascado — o portão que a mãe sempre trancava com cadeado, sempre, toda noite, sem exceção — estava aberto. A porta da frente também. A luz da sala estava acesa.

O estômago de Bruce gelou.

Ele correu. Atravessou o portão. Entrou pela porta.

E parou.

Dona Marta estava sentada na cadeira de plástico branca, a mesma cadeira da cozinha, mas agora estava na sala. Ao lado dela, de pé,

estava o Bira. Camisa aberta, corrente de ouro no pescoço, chinelo de dedo. Dois comparsas atrás — um encostado na parede, o outro perto da porta da cozinha. O Bira segurava o braço de Dona Marta com uma mão. Na outra, uma faca. A lâmina encostada no pescoço dela.

Dona Marta olhou pro filho. Os olhos estavam vermelhos, molhados, mas não choravam. Seguravam. Seguravam como sempre seguraram — na delegacia, no hospital, na UTI, na sala vazia.

— Filho — disse ela. A voz era firme. — Entrega o dinheiro pra ele.

O Bira olhou pra Bruce. O rosto dele era magro, ossudo, com uma cicatriz fina no queixo. Os olhos eram parados, sem expressão, olhos de quem já fez aquilo tantas vezes que não sente mais nada.

— Ô, Bruce. — A voz era calma. A mesma calma que Bruce temia desde o presídio. — Tu sumiu. Mandeí te receber de manhã e tu não voltou. Aí eu vim buscar.

— Bira — disse Bruce. A voz saiu estrangulada. — Pelo amor de Deus. Solta ela. Ela não tem nada a ver com isso.

— Ela tem tudo a ver com isso! — O Bira apertou o braço de Dona Marta. Ela gemeu. — Ela é tua mãe. Tu deve pra mim. Ela paga se tu não pagar. É assim que funciona. Tu sabe como funciona.

— Filho. — Dona Marta olhou pra ele. As lágrimas desceram agora, duas linhas finas pelo rosto enrugado. — O dinheiro. Entrega o dinheiro.

Bruce sentiu o peito se partir.

Não tinha o dinheiro. Tinha gasto. Tinha gasto nos remédios de um homem que ele não conhecia, num hospital público, numa noite de feriado de sete de setembro. Tinha gasto porque acreditou que Deus estava conduzindo. Tinha gasto porque amou o próximo como a si mesmo.

E agora o próximo estava na UTI melhorando, e a mãe dele estava com uma faca no pescoço.

As lágrimas vieram. Bruce não tentou segurar. Desceram pelo rosto, pela cicatriz, pelo queixo. Caíram no chão da sala — o mesmo chão onde ele tinha andado de criança, o mesmo chão onde a mãe tinha ficado no escuro com a vela na mão lendo a Bíblia.

— Mãe — disse. A voz quebrou. — Eu não tenho o dinheiro.

Dona Marta olhou pra ele. O rosto dela mudou. Não de raiva. De medo. O medo que ela tinha segurado por cinco anos, o medo que ela tinha escondido debaixo da fé, debaixo das orações, debaixo das notas de cinquenta e de cem guardadas no envelope — esse medo apareceu inteiro, de uma vez, nos olhos dela.

— Como assim não tem, filho?

— Eu usei. Eu precisei usar. Mãe, eu...

O Bira puxou a cabeça de Dona Marta pra trás. A faca pressionou o pescoço. Um fio de sangue apareceu na pele.

— Três mil reais — disse o Bira. A voz não subiu. Não precisava. — Agora. Ou eu corto.

Bruce caiu de joelhos.

— Pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus, Bira. Me dá um prazo. Uma semana. Dois dias. Eu arrumo o dinheiro. Eu juro. Pelo amor de Deus, não faz isso com ela.

— Tu já teve prazo, maluco! Cinco anos de prazo! Agora acabou! Me dá a droga do meu dinheiro!

O Bira puxou mais a cabeça de Dona Marta. Ela fechou os olhos. A faca se moveu. Bruce gritou.

A porta bateu.

Todos olharam.

Uma mulher estava na porta. Ofegante. Tremendo. Os olhos arregalados, o rosto molhado de suor ou de lágrimas, a bolsa apertada contra o peito com as duas mãos. Não era do bairro — a roupa era diferente, o carro

estacionado na rua era diferente, tudo nela era diferente daquele lugar.

— Pelo amor de Deus — disse a mulher. A voz tremia tanto que as palavras saíam aos pedaços.
— Não mata ela. Por favor. Não mata.

O Bira olhou pra mulher. Os comparsas olharam. Bruce olhou.

— Quem é tu? — disse o Bira.

A mulher engoliu em seco. Olhou pro Bira. Olhou pra Dona Marta. Olhou pra Bruce. Quando olhou pra Bruce, alguma coisa no rosto dela mudou — como se estivesse confirmando uma coisa que já sabia.

— Meu nome é Alice. Sou esposa do João. O homem que ele — apontou pra Bruce — salvou hoje. Peguei o endereço dele no cadastro do hospital. Vim agradecer, mas quando cheguei na porta ouvi vocês falando. Por favor... não mate ela.

O Bira apertou os olhos.

— Oh branquela, eu vou dizer só uma vez: vaza daqui senão tu vai ter o mesmo destino da coroa!

— Não! Espera! Eu pago a dívida dele.

Silêncio. O Bira olhou pra mulher. Olhou pra Bruce. Olhou de volta pra mulher.

— Três mil reais — disse. — Em dinheiro. Agora.

Alice olhou pra ele.

— Aceita cheque? Ou cartão?

O Bira soltou uma risada curta, seca, sem humor.

— Tu tá de brincadeira comigo?

— Não. Eu só... — Alice abriu a bolsa. As mãos tremiam tanto que ela quase derrubou. Mexeu dentro. Tirou a carteira. Abriu. — Eu passei no caixa eletrônico antes de vir. Não sabia quanto ia precisar. Saquei o máximo que o banco deixou.

Tirou um maço de notas. Entregou pro comparsa mais perto.

O comparsa contou. Nota por nota. Devagar. O silêncio na sala era tão denso que Bruce ouvia o som das notas sendo separadas.

— Três mil — disse o comparsa. — Tá certo.

O Bira olhou pro comparsa. Olhou pro dinheiro. Olhou pra Dona Marta.

Soltou o braço dela. Tirou a faca do pescoço. Dona Marta tombou pra frente na cadeira, as mãos no pescoço, a respiração saindo em soluços.

Bruce se jogou no chão ao lado da mãe. Abraçou ela. Apertou. Sentiu o corpo dela tremendo inteiro, tremendo como ele nunca tinha sentido, tremendo de um medo que tinha ficado preso por cinco anos e agora saía de uma vez.

— Mãe. Tô aqui. Tô aqui. Acabou...

Dona Marta agarrou o filho. As mãos dela — as mãos ásperas de quem lava roupa dos outros — agarraram a camisa rasgada dele e não soltaram.

O Bira guardou a faca. Olhou pra cena — o filho abraçando a mãe no chão, a mulher estranha tremendo na porta — com a expressão de quem assiste a uma coisa que não entende e não se importa em entender.

— Tamo quites — disse. — Não quero ver tua cara de novo, Bruce.

Saiu pela porta. Os comparsas foram atrás. O portão de ferro rangeu. Os passos se afastaram pela rua. Sumiram.

Bruce e Dona Marta ficaram no chão. Abraçados. Chorando. O fio de sangue no pescoço dela já tinha parado — era superficial, um arranhão, nada mais. Mas o medo não era superficial. O medo ia demorar pra parar.

Alice estava encostada no batente da porta. As pernas tinham cedido — ela escorregou até ficar sentada no chão, com a bolsa no colo, os olhos

fechados, a respiração saindo em rajadas curtas.

Depois de um tempo que ninguém contou, Bruce se levantou. Ajudou a mãe a levantar. Sentou ela na cadeira. Foi até a pia da cozinha, molhou um pano, voltou e limpou o pescoço dela com cuidado. Dona Marta segurava a mão dele enquanto ele limpava. Não soltou.

Depois Bruce foi até Alice. Estendeu a mão. Ela pegou. Ele a ajudou a levantar.

— Obrigado — disse. A palavra saiu pequena. Menor do que devia. Mas era a única que ele tinha.

Alice olhou pra ele. Os olhos dela estavam vermelhos, inchados, cheios de uma coisa que não era só gratidão — era espanto. Espanto de estar ali, naquela casa, naquela sala quase vazia, diante de um homem coberto de sangue que tinha salvado o marido dela sem saber quem ele era.

— Você salvou o João — disse ela. — Você comprou os remédios. Três mil reais. Eu vim devolver.

— A senhora já devolveu.

Alice olhou pra Dona Marta. Dona Marta olhou pra Alice. As duas mulheres se olharam por um momento longo, silencioso, do jeito que só mulheres que quase perderam alguém se olham — com um reconhecimento que não precisa de palavra.

Dona Marta levantou da cadeira. Foi até a cozinha. Voltou com três canecas de café. Forte. Pó demais, água de menos, açúcar nenhum.

Os três sentaram. Beberam.

Alice falou primeiro. Contou do João. Contou que ele tinha ido buscar o celular na praia. Contou que ela esperou, esperou, e ele não voltou. Contou que ligou pro celular dele e ninguém atendeu. Contou que foi em todos os hospitais da cidade até encontrar ele no hospital público, na UTI, com o rosto que ela não reconheceu.

— O médico disse que se não fosse pelos remédios, ele não teria passado a noite — disse Alice. A voz era baixa, controlada, mas as mãos ao redor da caneca tremiam. — E que quem trouxe ele e comprou os remédios foi um homem que não o conhecia. Que encontrou ele na praia e não deixou ele morrer.

Alice olhou pra Bruce.

— Eu quero te agradecer. Mas três mil reais não são suficientes. Eu quero fazer mais. Me diz, o que eu posso fazer por você?

Bruce olhou pra ela. Ele não queria nada. Seu coração estava satisfeito em Deus.

Aliás, tinha uma coisa que ele queria muito. Fez piada com isso.

— Queria um emprego — e sorriu.

Todos sorriram.

— Isso é fácil, eu consigo um emprego pra você
— disse Alice.

Bruce mal acreditou. Olhou pra mãe, que o olhou de volta. Contentes.

— Eu agradeço sua gentileza. Mas a senhora precisa saber de uma coisa.

— O quê?

— Eu não salvei seu marido.

Alice franziu a testa.

— Jesus salvou.

Bruce não disse isso como sermão. Não disse como discurso. Disse como fato. Do mesmo jeito que tinha dito “*mãe*” no chão do presídio — como a primeira palavra que sai quando o corpo entende o que aconteceu.

— Quando eu vi o João no chão, eu podia ter passado direto. Eu tinha motivo. Eu tinha pressa.

Eu tinha uma dívida pra pagar e uma mãe pra proteger. Mas eu não passei. Não porque eu sou bom. Eu não sou bom. Eu fumei crack, eu roubei, eu fui preso, eu quase morri. Eu sou tudo que uma pessoa não devia ser.

A voz dele não tremeu. Saiu firme, limpa, com aquela firmeza que não vem de coragem, mas de verdade.

— Eu não passei porque Jesus não me deixou passar. Porque Ele me amou quando eu não merecia. Porque Ele morreu por mim quando eu estava no chão do presídio, sangrando, sem ninguém. E se Ele fez isso por mim, eu devo fazer o mesmo pelo próximo. Não por obrigação. Por amor. O mesmo amor que Ele teve por mim.

Alice deixou as lágrimas caírem. Não enxugou. Deixou.

Dona Marta segurava a caneca com as duas mãos e olhava pro filho com aquele sorriso quieto que não precisava de boca — o mesmo sorriso da manhã, o mesmo sorriso de sempre. O

sorriso de quem plantou sem saber se ia nascer,
e nasceu.

Duas semanas depois, João Paulo voltou pra casa.

O rosto ainda tinha marcas — um corte cicatrizando na sobrancelha, um hematoma amarelado na maçã do rosto, a mandíbula levemente inchada do lado esquerdo. Andava devagar, com a mão no abdômen, onde os pontos ainda puxavam. Mas andava. Estava vivo.

Alice tinha preparado tudo. A sala estava arrumada. Yasmin tinha feito um cartaz com giz de cera — “BEM VINDO PAPAI” — com as letras tortas e um desenho de uma família de palitinhos de mãos dadas. Bella tinha ajudado a pendurar, mas o cartaz era da irmã. Bella tinha feito outra coisa: tinha organizado as conchas da praia — as

mesmas conchas que ela separava por tamanho e cor naquele dia — numa caixa de sapato forrada com papel de seda, e colocou no criado-mudo do quarto dos pais. Não disse nada sobre a caixa. Não precisava.

Bruce estava lá.

Estava na cozinha, com um avental que Alice tinha emprestado, ajudando Dona Marta a arrumar a mesa. Dona Marta tinha vindo também — Alice tinha insistido, e Dona Marta tinha resistido, e Alice tinha insistido de novo, e Dona Marta tinha vindo com uma travessa de bolo de fubá que perfumou a casa inteira.

Quando João Paulo entrou pela porta, Yasmin correu e agarrou a perna dele. Ele gemeu — os pontos — mas não soltou. Abaixou devagar, com cuidado, e abraçou a filha. Bella veio depois. Devagar. Com aquele jeito de nove anos que não quer parecer emocionada. Mas quando o pai estendeu o braço, ela se encaixou do lado e ficou.

Alice ficou parada na porta da cozinha, com o pano de prato na mão, olhando. Os olhos brilhavam. Não chorou. Já tinha chorado o suficiente nas últimas duas semanas. Agora só olhava. Olhava o marido vivo, de pé, com as filhas nos braços, na sala da casa que ele tinha construído pra impressionar a rua inteira e que agora, finalmente, estava cheia do que importava.

João Paulo olhou pra Bruce. Não o conhecia. Nunca tinha visto aquele rosto — a cicatriz, as tatuagens, os olhos que tinham visto coisas que a maioria das pessoas só vê em filme. Mas sabia quem era. Alice tinha contado tudo. Cada detalhe. O calçadão. A camisa rasgada. O táxi. As ampolas. Os três mil reais. A faca no pescoço da mãe. Tudo.

João Paulo se soltou das filhas. Caminhou até Bruce. Devagar, porque o corpo ainda doía. Parou na frente dele.

— Você é o Bruce.

— Sou.

João Paulo estendeu a mão. Bruce apertou. O aperto durou mais do que um aperto normal. Durou o tempo que dura um aperto entre dois homens que estavam mortos e agora estão vivos. Fisicamente. Espiritualmente.

— Obrigado — disse João Paulo. A voz rachou. — Obrigado por não ter passado direto.

Bruce apertou a mão dele mais forte.

— Não fui eu. Foi o Senhor.

João Paulo assentiu. Não como quem concorda por educação. Como quem entende. Como quem esteve no chão, olhando as estrelas, sentindo a vida escorrer, e sabe que alguma coisa maior do que a sorte o trouxe de volta.

O pastor chegou às quatro da tarde. Era um homem simples — camisa social sem gravata, Bíblia debaixo do braço, sorriso de quem está acostumado a entrar em casas alheias e se sentir em casa. Era o pastor da igreja que Alice e as meninas tinham começado a frequentar nas últimas semanas. A mesma igreja onde Bruce congregava.

Sentaram-se na sala. O pastor abriu a Bíblia. Leu o Salmo 40 — o mesmo salmo que estava aberto na mesinha de plástico de Dona Marta no dia em que Bruce voltou do presídio. *“Esperei com paciência no Senhor, e Ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.”*

Oraram juntos. Dona Marta orou primeiro — com a voz firme, sem tremor, a mesma voz que orou trinta e dois dias na UTI. Alice orou depois — com a voz nova, hesitante, de quem está aprendendo a falar com alguém que não vê, mas sente. Bruce orou em silêncio. João Paulo orou por último. A voz dele era rouca, quebrada, cheia de uma coisa que ele não sabia nomear, mas que enchia a sala como o cheiro do bolo de fubá de Dona Marta.

— Eu só estou vivo pela graça de Deus — disse João Paulo. — Eu sei disso. Eu sinto isso. E eu não vou desperdiçar.

Yasmin estava no colo do pai. Bella estava do lado. Alice segurava a mão do marido. Bruce estava sentado na cadeira ao lado de Dona Marta, com as mãos no colo, o avental ainda amarrado na cintura, os olhos fechados.

A luz da tarde entrava pela janela e batia no cartaz de giz de cera. “BEM VINDO PAPAI.” As letras tortas brilhavam.

Depois do culto, comeram. Bolo de fubá, café forte, suco de laranja. Yasmin sentou no colo de Bruce e perguntou de onde ele tinha tirado aquela cicatriz no rosto. Bruce disse que era uma história comprida. Yasmin disse que gostava de histórias compridas. Dona Marta riu — a risada curta, de nariz, que era o máximo que ela se permitia.

Bella mostrou a caixa de conchas pro pai. João Paulo abriu, olhou as conchas organizadas por tamanho e cor, e entendeu o que a filha estava

dizendo sem dizer: *“eu guardei aquele dia. Aquela dia existe. Aquela dia não vai embora.”*

Alice e Bruce conversaram na cozinha enquanto lavavam a louça. Ela explicou o emprego — ajudante geral na casa, manutenção, pequenos reparos, o que precisasse. Bruce aceitou. Apertaram as mãos com as mãos molhadas de espuma e riram.

João Paulo apareceu na porta da cozinha. Olhou pra esposa e pro homem que tinha salvado a vida dele. Dois estranhos que agora eram família. Não por sangue. Por algo que ele ainda estava aprendendo a entender.

— Bruce — disse João Paulo.

— Oi.

— Bem-vindo à família.

EPÍLOGO

No feriado do Dia da Independência, o pastor Luís fechou um acordo monumental com o senador Milton Guterres. Agora a sua igreja vai se tornar mundialmente conhecida, o seu ministério vai ser admirado em todos os continentes. No ano seguinte, o senador foi reeleito, com a esmagadora maioria dos votos vindos da membresias das igrejas do pastor Luís. Naquele feriado, Luís declarou a sua independência de Deus, para viver para a sua própria glória e poder.

No feriado do Dia da Independência, Ian fechou um contrato milionário com a Super Gospel Records, a maior gravadora de músicas cristãs do mundo. A única exigência era que ele deveria cantar as músicas que a gravadora escolhesse. Não são músicas bíblicas. Isso vende muito

pouco. Ian não se importou com isso. Seu sonho era ser um cantor famoso, seja com que música fosse. No ano seguinte, o jovem cantor já estava estourado em toda a América Latina. Naquele feriado, Ian declarou a sua independência de Deus, para viver para a sua própria ambição e cobiça.

Naquele feriado, Bruce e João Paulo declararam a sua independência do pecado, ficaram livres da cegueira que os dominava, e se entregaram na total dependência da misericórdia, da graça e do amor de Deus, por meio de Jesus Cristo.

LUCAS 10.25-37

Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou:

— Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

O que está escrito na lei? — respondeu Jesus. — Como você a interpreta?

Ele respondeu:

— “Ame ao Senhor, o seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todas as suas forças e com todo o seu entendimento” e “Ame ao seu próximo como a você mesmo”.

Jesus disse:

— Você respondeu corretamente. Faça isso e viverá.

Ele, porém, porque queria justificar-se, perguntou a Jesus:

— Quem é o meu próximo?

Em resposta, Jesus disse:

— Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Coincidentemente, um sacerdote descia por aquela estrada e, tendo visto o homem, passou pelo outro lado. De igual modo, um levita, quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Ele se aproximou e lhe enfaixou as feridas, depois de derramar vinho e óleo nelas. Então, colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: “Cuide dele. Quando eu voltar, pagarei todas as despesas que você tiver a mais”.

— Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?

— Aquele que teve misericórdia dele — respondeu o perito na lei.

Jesus lhe disse: — Vá e faça o mesmo.

Esta obra foi escrita com a intenção de levar o Evangelho de Cristo para as pessoas. Se você gostou, passe adiante. Compartilhe, presenteie as pessoas que você conhece e contribua para que a Palavra de Deus alcance mais vidas. Que o Senhor Jesus abençoe você e sua família.



Para conhecer mais obras e projetos do autor, acesse:

www.dyegofernandes.com

Instagram: @dyegodecristo